

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE  
**funarte**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

REALIZAÇÃO

**SESC**  
RIO DE JANEIRO

  
CENTRO BRASILEIRO DE TEATRO  
PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE



REVISTA DO

4º SEMINÁRIO  
NACIONAL  
SESC CBTIJ

DE TEATRO  
PARA A INFÂNCIA  
E JUVENTUDE

2007 REFERENTE AO SEMINÁRIO  
REALIZADO EM 2006

\* TUDO QUE  
É SÓLIDO  
DESMANCHA  
NO AR

TEATRO  
X  
JOVEM



REVISTA DO

**4º SEMINÁRIO  
NACIONAL  
SESC CBTIJ**

**DE TEATRO  
PARA A INFÂNCIA  
E JUVENTUDE**

**2007** REFERENTE AO SEMINÁRIO  
REALIZADO EM 2006

**E**ste é o sétimo ano de uma bem-sucedida parceria entre o SESC Rio e o CBTIJ. Nos seis primeiros anos, o foco do trabalho foi o teatro para a infância e o início da juventude: o despertar de um novo olhar para o mundo, o respeito à sensibilidade e à inteligência desses cidadãos, o incentivo à criação e a contribuição que o teatro pode dar para o processo de inclusão social de crianças e adolescentes.

*Agora, nos encontramos diante de um desafio: estender a reflexão teatral a um público que não se situe mais entre 4 e 12 anos de idade.*

*Há uma grande lacuna entre o teatro para crianças e o teatro adulto. Por isso a necessidade de organizar conceitualmente um trabalho para dar continuidade à formação de público para essa faixa etária específica.*

*Além dos conflitos inerentes a essa fase da vida, o jovem tem necessidade de se expressar perante um mundo que se apresenta cada vez mais complexo. E é crescente a mobilização e criação de grupos juvenis empenhados em participar da arena político-social por meio de manifestações artístico - culturais. É por essa via que falam sobre a sua existência, necessidades, percepções, reivindicações e afirmam suas identidades. O SESC Rio propicia espaços coletivos de reflexão e troca de conhecimento.*

*Dessa forma, somado à mostra para crianças, este ano teremos um módulo para jovens. Os espetáculos versam sobre temas pertinentes à juventude contemporânea sem ser didáticos. E, principalmente, atuam na dimensão do afeto, estabelecendo diálogo entre todas as dimensões da existência juvenil. Após as apresentações, haverá debates com o público, atores e diretores.*

*Assim, o SESC Rio segue na missão de democratizar o fazer cultural, estabelecendo a cultura como instrumento de desenvolvimento crítico, reflexivo e autônomo; como elemento de inclusão social, aproximação entre os povos e promoção da paz; como catalisador do desenvolvimento humano.*

# Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude • 2007

MÁRCIA FREDERICO

Presidente do conselho de Administração do CBTIJ

---

**É** com imenso orgulho e agradecimento que apresento um pouco da história desta entidade, da qual tenho a honra de ter sido uma das fundadoras e agora assumir a presidência do Conselho Administrativo.

Há 12 anos Ricardo Brito convocou os grupos e os artistas que se dedicavam a este segmento da sociedade, as crianças e os jovens. Nós ouvimos o “chamado” que o Teatro Infantil fazia e resolvemos nos lançar nesta missão. Alguns ficaram pelo caminho, outros seguiram rumos diferentes, outros tantos se juntaram ao grupo, alguns ainda dão suas tréguas, vão e voltam. Cada um com a sua história, cada um com a sua contribuição, nem melhor nem pior, mas A possível.

Hoje nosso grupo de heróis conta com mais de 300 associados e aos poucos está se tornando um “batalhão” na luta pela cultura e valorização da arte em nosso país. Mas, justiça seja feita, tem sido a dedicação dos presidentes anteriores, Antônio Carlos Bernardes e Ludoval Campos, que tornou o CBTIJ o que ele é hoje.

O CBTIJ é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 8 de dezembro de 1995, que visa à expansão de um teatro que contribua para a inclusão social da infância e da juventude brasileira. Promovemos ações para a divulgação, difusão e desenvolvimento do teatro com alto nível artístico e técnico, defendendo principalmente a profissionalização da classe. Temos a chancela de Utilidade Pública Municipal e Estadual e já recebemos o Prêmio Ventoforte de reconhecimento pelos trabalhos realizados e uma Menção de Louvor da Alerj - Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Há cinco anos realizamos em parceria com o Sesc Rio o **Seminário Nacional SESC CBTIJ de Teatro para a Infância e Juventude**, voltado para professores, arte-educadores, estudantes e profissionais de teatro dos quais anualmente lançamos uma publicação com o resultado das palestras realizadas, proporcionando assim uma visão do que acontece em termos de teatro para crianças no Brasil. Este ano, com o apoio da Funarte, poderemos publicar também o registro do **Seminário Internacional**, realizado em 2001, e ampliaremos nossa perspectiva com o conhecimento do que ocorrem nos mais diferentes países.

Desde 2001, realizamos a **Mostra SESC CBTIJ de Teatro para Crianças** também em parceria com o SESC Rio, que acontece em 14 unidades do SESC (capital, baixada e interior). Já estamos na 7ª Mostra e atualmente alcançamos um público que aumenta a cada ano. Os espetáculos são selecionados por uma comissão de pelo menos três profissionais, sendo um representante do SESC, um convidado e o coordenador da Mostra.

*Todos os grupos participantes da Mostra fazem uma apresentação para o CBTIJ em Ação - "Criança Feliz", que leva espetáculos a comunidades carentes e orfanatos do Rio de Janeiro.*

*O lançamento da Mostra acontece normalmente no dia **20 de março**, quando comemoramos o **Dia Mundial do Teatro para a Infância e Juventude**. Esta data foi criada pela Assitej Internacional e atualmente é comemorada pelos 80 países onde a entidade existe.*

*Numa iniciativa do CBTIJ, levamos ao Senado e à Câmara de Deputados a proposta para oficializar o Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude. Nas duas casas já foi aprovada a lei que agora está em apreciação na Comissão de Constituição e Justiça em caráter conclusivo. Esperamos que em 2007 já possamos comemorar a primeira edição do **Dia Nacional**, estendendo assim as festividades para todo o país.*

*Também já conseguimos a oficialização do **Dia Estadual do Teatro para a Infância e Juventude** no Rio de Janeiro, através da lei nº 191/2003, e temos associados que estão trabalhando pela oficialização da data em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.*

*Temos o apoio do Minc / Funarte - Fundação Nacional de Artes, em relação à sede, onde acontecem encontros e reuniões com nossos associados e representantes de outras entidades para discutir questões do teatro para crianças e jovens.*

*O CBTIJ é o representante oficial da Assitej desde 1998, sendo conhecido internacionalmente como Assitej Brasil. Em 2001, representantes de 25 países membros do Conselho Administrativo da Assitej estiveram no Brasil para a reunião anual, organizada pelo CBTIJ, e participaram da realização do Seminário Internacional.*

*Nosso site: [www.cbtij.org.br](http://www.cbtij.org.br), já é considerado um dos mais completos bancos de pesquisa sobre o teatro para crianças e jovens. Em março estaremos colocando um site totalmente reformulado que facilitará ainda mais a pesquisa e o acesso às informações.*

*Politicamente, o CBTIJ tem atuado em várias frentes, seja com a União das Entidades Teatrais do Rio de Janeiro (da qual participam Grupos e Cias, Sated, SBAT, Concultura, APTR, Fetaerj, Cepetin, Encontrarte), seja dentro da Câmara Setorial de Teatro.*

*Conseguimos junto à Funarte que os editais de teatro tivessem uma proporcionalidade de acordo com a demanda recebida e que o Teatro para infância e juventude fosse incluído em todos os editais.*

*Em 2007, o CBTIJ realizará o 5º Seminário Nacional, que além de outras atividades realizará uma Mostra de dramaturgia com representantes de Assitejs Latino-americanas.*

*Temos a convicção de que é através da cultura e em particular, através do teatro, que poderemos fazer nosso país se desenvolver e dar às crianças as oportunidades que elas merecem, não apenas de aprender, mas também de sonhar e criar. Essa continua sendo a nossa "missão".*

## EXPEDIENTE

Revista do 4º Seminário SESC CBTIJ de Teatro para Infância e Juventude  
ISSN nº 1808-1541  
Ano 2007 referente ao Seminário de 2006  
Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude - CBTIJ

Conselho de Administração e Fiscal  
(Biênio 2006/08)

**Presidente:**  
Márcia Frederico

**Secretário:**  
Sergio Miguel Braga

**Tesoureiro:**  
Ana Barroso

**Conselheiros:**  
Alberto Magalhães  
Álvaro Assad  
Antonio Carlos Bernardes  
Fátima Café  
Heloísa Frederico  
Ine Baumann  
Leonardo Carnevale  
Ludoval Campos  
Marcos Edom  
Mônica Biel

**Equipe CBTIJ:**  
Irary Oliveira (*Administrativo*)  
André Bürger (*Imprensa*)  
Julian Andrade (*Webdesigner*)

### Seminário Nacional 2006

COORDENAÇÃO: Ine Baumann

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Fátima Café e Sérgio Miguel Braga

PRODUÇÃO DO VÍDEO: Ludoval Campos e João Fernando

ROTEIRO DO VÍDEO: Claudia Valli

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Barata Comunicação

FOTOGRAFIAS: Paulo Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DA REVISTA:  
A 4 Mãos Comunicação e Design

REVISÃO: Paulo Telles

### CBTIJ

Rua do Catete 338 - sobreloja 18 - Catete  
Cep: 22221-971 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2205-4483  
www.cbtij.org.br • cbtij@cbtij.org.br

# Sumário

O TEATRO E O JOVEM. E O TEATRO JOVEM?  
*Carlos Augusto Nazareth* ..... 6

## FÓRUM LATINO-AMERICANO DE TEATRO PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE

AÇÃO E REAÇÃO  
*Antonio Carlos Bernardes* ..... 8

BLOCO LATINO-AMERICANO DE TEATRO PARA CRIANÇAS E JOVENS  
*Carlos de Urquiza* ..... 9

## MESA REDONDA - O TEATRO NA CONTRAMÃO

CENA DRAMÁTICA: CADÊ O JOVEM QUE ESTAVA AQUI?  
*Eliana Yunes* ..... 11

DIFICULDADES DA PSICANÁLISE E DO TEATRO DIANTE DO JOVEM DA ATUALIDADE  
*Eduardo Rozenhal* ..... 13

PALESTRA  
*Hamiltom Vaz Pereira* ..... 17

O SER BUSCANTE  
*Luiz Antonio Aguiar* ..... 18

O TEATRO NA CONTRAMÃO - TEATRO X JOVEM  
*Vinicius Azevedo* ..... 20

## OFICINAS

PALAVRAS DO SILÊNCIO  
*Álvaro Assad* ..... 25

OS BONECOS AO LONGO DO TEMPO: MÚLTIPLAS FORMAS, MÚLTIPLAS MATERIAIS, IMPACTO AMBIENTAL E CONTRIBUIÇÃO PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO  
*Eduardo Andrade* ..... 27

## FÓRUM DE TEATRO-EDUCAÇÃO

MACBETH, OTELO, ROMÉU E JULIETA? JÁ É!  
*Antonio Veríssimo dos Santos* ..... 35

## FÓRUM DE LEITURAS DRAMATIZADAS

ENAMORADOS  
*Rômulo Rodrigues* ..... 37

GUARDA UM BEIJO MEU  
*Mário Costa* ..... 48



# O TEATRO E O JOVEM. E O TEATRO JOVEM?

CARLOS AUGUSTO NAZARETH  
Dramaturgo e Crítico Teatral

"A arte é necessária; é uma linguagem que mostra o que há de mais natural no homem; através da qual é possível verificar, até mesmo, que o homem pré-histórico e o pós-moderno não estão distantes um do outro quanto o tempo nos leva a imaginar." — FAYGA OSTROWER

**T**udo que é sólido se desmancha no ar - esta é a função cotidiana do teatro.

O teatro, para exercer plenamente sua função, tem que ser visto sob a perspectiva da obra de arte e, sob esta ótica, ele é transformador e necessário.

A experiência teatral é única - o ato de criação diante de seu público. E esta emoção, revivenciada a cada dia, provoca, estimula, sensibiliza. E aí o teatro cumpre o seu destino mutante. Agente e paciente de mudanças.

Mutante também é o jovem em época de conhecer, criar e modificar, mas, inexplicavelmente afastado de Dionísio.

E ambos navegam viagens tão próximas!

Navegam no mar de possibilidades infinitas, de descobertas - profundos oceanos, ventos a noroeste.

Mas o jovem e o teatro estarão em comunhão quando, ao se entreolharem, perceberem que se propõem caminhar caminhos paralelos, quase unos.

E também quando o jovem perceber que há um teatro vivo próximo dele.

E também quando o teatro descobrir o mundo que habita este jovem.

E num delicado e exato momento de encontro o teatro tomará o jovem de assalto - qual navio pirata diante de nau insensata - e ele se deixará tomar.

O jovem e o teatro desejam saber o mundo, pensar o mundo, transformar o mundo - saber o homem, pensar o homem, transformar o homem.

E nada mais efêmero e definitivo que uma encenação.

E nada mais efêmero e definitivo que o jovem.

E quando o encontro acontecer, feitos um para o outro, será definitivamente eterno enquanto dure - pois tudo que é sólido se desmancha no ar.

"O indizível - aí é que começa a arte" — JEAN LOUIS FERRIER

## MESAS REALIZADAS

DIA 21 DE MARÇO

“Fórum Latino-americano de Teatro Para Infância e Juventude”

Mediador: Antonio Carlos Bernardes (Rio de Janeiro - Brasil)

Carlos de Urquiza (Argentina)

Carlos Torrado (Uruguai)

Teresinha Heimann (Santa Catarina - Brasil)

DIA 22 DE MARÇO

“O Teatro na Contramão”

Mediadora: Eliana Yunes

Debatedores:

Eduardo Rozenhal

Hamilton Vaz Pereira

Luiz Antonio Aguiar

Vinícius Azevedo





# AÇÃO E REAÇÃO

ANTONIO CARLOS BERNARDES

Diretor de Projetos

Conselho de Administração do CBTIJ / Assitej Brasil

---

O Seminário Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, realizado em 2002, nos deu o impulso para iniciarmos uma série de Seminários Nacionais. Foram vários os temas tratados (teatro-educação, dramaturgia, pra que serve o teatro?, teatro x jovem), mas nossa reação era sempre de voltarmos a manter um contato direto com os Centros Assitejs.

Assim, em 2006, ao começarmos a preparação para o 4º Seminário Nacional de Teatro para a Infância e Juventude, pensamos imediatamente fazermos uma reunião dos representantes Latino-americanos. Convidamos, assim, representantes de cinco países. Por uma questão de agenda, apenas **Carlos de Urquiza**, da Argentina e **Carlos Torrado Lois**, do Uruguai, puderam comparecer. **Maria Teresinha Heimann** (ex-coordenadora do Festival de Teatro Infantil de Blumenau) também compareceu e assim formamos uma mesa-redonda, discutindo cada qual sobre as experiências pessoais e traçando idéias sobre o que seria um bloco latino-americano de entidades que trabalham com teatro para crianças e jovens. Isso aconteceu em maio de 2006.

Cinco meses depois, em outubro, em Buenos Aires, Carlos de Urquiza organizou uma reunião em que estiveram presentes representantes de dez países, em que foram tratados os fundamentos de um bloco latino-americano de entidades e profissionais que trabalham para crianças e adolescentes (logo abaixo, segue um texto sobre o assunto).

Em junho de 2007, outra reunião está marcada, agora no Brasil, durante o 5º Seminário Nacional de Teatro para a Infância e Juventude. Mais um pequeno passo será dado. Pode ser pequeno, mas de passo em passo, certamente chegaremos ao nosso objetivo. Pode demorar, mas é só persistir.

# BLOCO LATINOAMERICANO DE TEATRO PARA CRIANÇAS E JOVENS

CARLOS DE URQUIZA

Coordenador do bloco latino-americano  
de Teatro para Crianças e Jovens

A reunião dos Centros Assitej e dos diferentes representantes do teatro para crianças e jovens de diversos países da América Latina aconteceu em Buenos Aires, em Outubro de 2006, durante a segunda edição do Festival Internacional e Nacional de Teatro Atina, e concretizou o nascimento do bloco latino-americano de Teatro para Crianças e Jovens.

Participaram da reunião **Sergio Ríos Henings**, Presidente da Assitej Bolívia; **Marco Antonio Novello**, Presidente da Assitej México; **Antonio Carlos Bernardes**, Diretor de Projetos do CBTIJ (Assitej Brasil); **Ricardo Morante**, Presidente de Assitej Perú; **Carlos de Urquiza**, Presidente de Atina (Assitej Argentina); **Marisa Giménez Cacho**, Vice-diretora do Centro de Teatro Infantil do Instituto de Belas Artes do México; **Ruth Baltra Moreno** e **Jorge López Vidal**, representantes do Teatro para Crianças do Chile; **Angélica Sánchez Riveros**, representante do Teatro para Crianças da Colômbia; **Gonzalo Cuellar**, representante do Teatro para Crianças da Nicarágua; **Víctor Bogado**, representante do Teatro para Crianças do Paraguai; **Dervy Vilas**, representante do Teatro para Crianças do Uruguai; **Dewis Duran**, representante do Teatro para Crianças da Venezuela; **Graciela Bilbao** e **Marina Abulafia**, Diretores da Atina (Assitej Brasil).

Um longo anseio começou a se resolver em Buenos Aires: a integração dos profissionais de teatro para crianças e jovens da América Latina, que começavam a trabalhar em conjunto por um teatro de qualidade para nossas crianças. As distâncias, as muitas dificuldades econômicas e uma certa indiferença impossibilitaram durante muito tempo não somente este trabalho em conjunto, como a comunicação entre os centros Assitej. Assim, as experiências e progressos de cada país pouco ou nada influenciaram nos processos dos demais, convertendo cada caso, cada experiência em algo único e separado. Desta maneira, o crescimento foi mais pobre, mais lento, a experiência alheia não foi compartilhada e assim continuaram a se repetir formulas antigas e usadas.

Possibilidades de realizar intercâmbios, projetos em conjunto, a manutenção de uma comunicação constante, o estudo sobre os mesmos problemas e as dife-

rentes tentativas para solucioná-los, tudo isso não só enriquece os processos, como acelera os tempos de solucioná-los, como economiza esforços. O esforço compartilhado ainda não é uma realidade, mas podemos nos aventurar por esse caminho, com Oficinas, Seminários, circuitos de espetáculos e outros projetos em conjunto. Teremos, certamente, como resultado, um teatro de qualidade para crianças e jovens na América Latina.

Na reunião conjunta do Comitê Executivo com os representantes dos países latino-americanos, tivemos o reconhecimento da Assitej Internacional. Isto nos habilitou a pensar na possibilidade de elaborar, novas políticas que a Assitej Internacional deveria assumir para conseguirmos uma verdadeira inserção da América Latina no mundo. Assim, deveremos propor mudanças no próximo Congresso que acontecerá na Austrália, em 2008, e como a Assitej é uma rede de contatos, nada impede que nosso bloco tenha um papel muito mais ativo, de acordo com nossas necessidades, impulsionando e assumindo diretamente ações em favor do desenvolvimento do teatro para crianças e jovens em nossa região. É possível que tenha chegado o momento de projetar uma Assitej mais sensível frente às diferentes possibilidades dos países do mundo, reconhecendo as carências de determinadas regiões e a necessidade de executar ações, tratando de obter certo equilíbrio num mundo assimétrico e com marcas tão diferentes de possibilidades.

A próxima reunião do bloco latino-americano, que acontecerá em junho de 2007, no Rio de Janeiro, abre boas possibilidades de conseguir ações concretas em relação às questões expostas. Nossa esperança está intacta, e estamos certos de que nossa próxima reunião possibilitará um marco na consolidação da união que estamos elaborando.

# CENA DRAMÁTICA: CADÊ O JOVEM QUE ESTAVA AQUI?

ELIANA YUNES

Estive percorrendo a cena cultural e tentando entender o gosto e a preferência jovem por certos espetáculos artísticos em detrimento de outros.

O teatro tem se queixado da distância dos jovens de seus palcos e arenas: será procedente? Não se pode negar que a juventude não tem presença forte nas platéias de nossos cada vez menores teatros. Contudo, a cena dramática parece ainda manter seu fascínio quando as linguagens se diversificam.

Vejam os.

Liguei a TV de circuito fechado e encontrei um campeonato mundial de patinação artística sobre o gelo. Os patinadores no topo da lista dos melhores não apenas deslizam ao som de um tema musical escolhido, cumprindo exigências técnicas de grande dificuldade, em vestuário sofisticado e sugestivo a fantasias; ao contrário, o ponto alto de seu trabalho é a coreografia tratada com alto poder dramático, praticamente encenando uma narrativa ao fio musical - este componente cresce quando a patinação é desenvolvida por um casal de artistas. Lotado, o ginásio participa entusiasmado.

Troco de canal e entra em cena um show de uma artista consagrada, cujo roteiro enlaça letras e poemas, cenários dignos de um palco no qual se desenrola um "drama" (re)colhido da cultura nacional, desenhado com apuro e representado com os rituais de interlocução dos instrumentos e às vezes dos próprios instrumentistas. O jogo de luzes, o figurino, a mudança de cenário me recordam a composição teatral. Quando a câmera fixa a platéia, há muitos jovens, em turma, aplaudindo as cenas.

Não há espetáculo musical que se preze, nas areias de Copacabana ou no "hall" de alguma empresa patrocinadora do circuito cultural, que abdique da parafernália acústica, da coreografia articulada e de uma certa representação cênica estudada: gestos, meneios, olhares, entonações e diálogo diante da platéia para além da cortina de luz. O público delira, repete, imita e aplaude.

Os teatros andam menores e vazios, freqüentados nos horários alternativos e seguros por uma platéia de terceira idade que pode dispor de recursos e de memórias de leituras ou de peças que marcaram época e suas vidas. Ela sabe que

vale a pena. Os jovens poderiam descobrir isso se os grandes nomes do teatro que também estão na TV em novelas e minisséries fascinantes quisessem partilhar uma peça de qualidade para além da exposição de um rosto conhecido na telinha, perdido a maior parte das vezes em produções oportunistas.

O que está acontecendo com a cena dramática propriamente dita? Por que a juventude não forma platéias nesses espaços? As escolas de arte dramática têm fila de aspirantes atraídos pelo sonho do rosto na mídia - é verdade - e os salários de estrelas com vida de viagens, iates, modas e amores. Mas a arte de representar está viva. O que poderia haver de errado com a cena dramática? Por que os jovens não estão movidos pela presença do artista no palco?

Faltam a meu ver algumas coisas: leitura, com certeza, que coloque o jovem em face aos textos que, desde Sófocles até Brecht, carregam experiências dramáticas densas de redimensionamento do humano; e leitura de peças, com os mesmos nomes empolgantes da telinha e da telona, que permitam trocas, discussões, apresentação de dramaturgos; encenações ao ar livre, arenas, palcos abertos com cenários tão empolgantes quanto as parafernalias eletrônicas; preços acessíveis e qualidade de produção, pois quanto mais possam ver mais exigentes ficarão; divulgação em mídia televisiva, com trechos de cenas convincentes, como trailers; incentivo ao teatro amador e universitário para que jovens possam acercar-se da dramaturgia, menos para serem atores do que para ficarem próximos de textos e autores.

Se formos observar de perto, o incentivo ao esporte passa por atuações de desportistas reconhecidos, com bom patrocínio e uma multidão de crianças e adolescentes em treinamento, exercícios diários e valorização dos esforços; o incentivo à cultura como prática de formação crítica é fragmentário, intermitente, subsidia os atores, mas o jovem não é cativado para participar de grupos que tenham o teatro como expressão e forma educativa. Se houvesse iniciativas patrocinadas por artistas como há entre desportistas, jovens poderiam fazer uma opção pelo mundo da dramaturgia com maior frequência.

O teatro promove consabidamente, desde Aristóteles, a catarse que educa a alma pelo movimento da sensibilidade e alerta o espírito pela ampliação de horizontes, pelas comparações. Uma vez experimentada a co/moção pela linguagem da voz e do corpo, meu e do outro, o teatro passa a ser entendido como algo que lhe revela a si mesmo, do jeito como a literatura opera, na solidão mesma da leitura, proustianamente.

O teatro para jovens carece menos de uma dramaturgia específica como a dirigida a crianças, e mais de promotores que lhes dirijam as encenações nos quatro cantos da praça, desconfinando algo que dos anfiteatros de arena chegou milênios adiante, mas anda sucumbindo às circunstâncias de produção de qualidade duvidosa entre quatro paredes. Para arrastar o público jovem à caixa mágica, é preciso oferecer obras que valham o retorno por conta própria, ao custo de uma entrada de cinema.

# DIFICULDADES DA PSICANÁLISE E DO TEATRO DIANTE DO JOVEM DA ATUALIDADE

EDUARDO ROZENTHAL

O contexto atual da cultura, cuja demarcação temporal remonta ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, vem produzindo uma nova modalidade de sujeito. A juventude de nosso tempo não dispõe mais de identidades institucionais fortes, oferecidas outrora, analógica e cronologicamente, pela família, escola, fábrica etc. A "lei do Pai" se acha deflacionada e as interdições praticamente não existem. A autoridade não é mais capaz de ditar, do exterior, o modelo para a identificação dos jovens. Contudo, no bojo deste quadro de idéias e ideologias indigentes e de extrema aridez de lideranças ou de autoridades, o imperativo social é claro: seja você mesmo!

Neste contexto, a psicanálise vem sendo reinterpretada de forma a dar conta do padecimento subjetivo dos sujeitos. Os jovens, hoje em dia, apresentam uma espécie de sofrimento psíquico que se evidencia, basicamente, pelo tédio e pelo *stress* incluídos nas demasiadamente amplas denominações de "compulsão" e de "adição". Para os chamados "novos sintomas", o que está em jogo, na grade do individualismo radical em que vivemos, é a constituição de um estilo, isto é, a criação de si mesmo.

Sendo assim, no tratamento analítico do jovem do início deste século, o que se coloca não são mais as disfunções do "funcionamento subjetivo", isto é, os distúrbios histéricos ou obsessivos. Portanto, não é o caso, na clínica analítica, prioritariamente, da oferta de novos significados aos sintomas, pela transformação do conteúdo inconsciente em consciente. Ao contrário, será preciso o manejo "transferencial" para a inscrição da "pulsão", ou força de constituição do próprio inconsciente. Antes de tudo, a subjetividade contemporânea sofre de dificuldades de criação de si que, enquanto "estilo" de ser, é a condição para o funcionamento psíquico. Por esses motivos, a psicanálise vem se interessando, cada vez mais, pelo registro estético (e ético), de modo que a criação (de si mesmo) se deslocou para o centro da sua experiência.

Da rubrica da estética propriamente dita, o teatro, na sua distinção com relação às demais modalidades artísticas, teria muito a dizer à experiência psicanalítica. A relação entre a encenação e o espectador se conforma, numa aproximação possível com a transferência analítica, como potência do encontro,

Da rubrica da estética propriamente dita, o teatro, na sua distinção com relação às demais modalidades artísticas, teria muito a dizer à experiência psicanalítica.

Não é difícil constatar que o teatro contemporâneo ainda é, majoritariamente, “teatro da identidade”.

proporcionando efeitos de “subjetivação” a partir do tempo compartilhado entre os protagonistas.

Nessa aproximação entre dois campos tão diferenciados como o são a encenação teatral e a experiência psicanalítica, a estratégia teórica que utilizo não é, absolutamente, a de propor um tipo de “psicanálise aplicada” ao teatro. Ao contrário, parto de uma questão que vem, respectivamente, interpelando as duas práticas. Minha referência é, por um lado, a insuficiência da psicanálise diante do sofrimento dos jovens que procuram nossos consultórios e, por outro, o afastamento da juventude das salas de exibição dos espetáculos teatrais. Na base dessa dupla incompatibilidade se encontra a produção de subjetividade no século XXI que vem, inexoravelmente, exigindo a reformulação e o ajustamento das várias práticas da cultura.

O teatro, como qualquer outra forma de obra de arte, é capaz de produzir, pelas vias abertas das práticas estéticas, inequívocos efeitos de subjetivação, no sentido amplo de mudanças no regime de funcionamento da subjetividade. Contudo, a subjetivação operada pelas artes não se reduz às ditas modificações. Efetivamente, a condição da produção da obra de arte repousa sobre a necessidade da criação de si ou do trabalho de “estilização” do artista. Para o espectador, é requerida também esta dupla inserção. Fruir o prazer da contemplação da obra exige, na condição de pressuposto, a criação de si como sujeito da experiência estética.

Da perspectiva da prática teatral e de seu percurso histórico, podemos observar, da mesma forma que no movimento do pensamento de Freud, a marca indelével da deflação das identidades institucionais desde o fim da modernidade. Percebemos claramente que o contexto cultural contemporâneo, catalisado pelo desenvolvimento dos computadores pessoais (PCs) e da internet, a partir de meados do século XX, vem impondo ao teatro modificações de ordem estrutural. Impelido pela demanda inclemente das novas subjetividades, o teatro se vê obrigado a problematizar os seus pressupostos sob pena de, não o fazendo, concorrer para o que, de fato, se observa largamente na atualidade, ou seja, o afastamento do jovem das salas de representação.

O teatro moderno do início do século passado efetivamente se afasta da representação de personagens que encarnam identidades coletivas abrangentes e solidamente estabelecidas, desviando a ótica para o conflito subjetivo, a ambivalência dos sentimentos e a dúvida sobre si. O relevo que se coloca sobre a dimensão inconsciente nas grandes obras teatrais do fim do século XIX corresponde ao desinvestimento gradativo das identidades institucionais.

Em nossos dias, a crítica que o teatro vinha impondo à razão como identidade fundamental e à hegemonia da consciência se radicaliza. Entretanto, mesmo assim, não é difícil constatar que o teatro contemporâneo ainda é, majoritariamente, “teatro da identidade”. Mesmo afastado de temas e personagens universais, grande parte das encenações que hoje se produz ainda mantém, como eixo diretor da encenação, os “operadores da identidade”.

Essas estratégias da encenação se baseiam na maior ou menor identificação do "eu". Do lado do espectador, coloca-se a identificação subjetiva do eu com o "ideal de eu" (personagem, herói) que possui como "condição de possibilidade" a identificação entre os espectadores, isto é, com o lugar imaginário de "o espectador". Este último processo corresponde à identificação do eu dos componentes de um grupo que teriam erigido o mesmo objeto no lugar de ideal. Do lado do ator, há ainda outra identificação, desta vez, uma "identificação histórica", ativa, mimética ou representativa que remete, antes, a ações dramáticas.

Pois bem, esse teatro não é capaz de fascinar o jovem de hoje. Lembremos que, para o jovem compulsivo deste século, as relações amorosas não se pautam mais pelo amor romântico. Este último pretendia conjugar a totalidade das perspectivas demandantes do homem num ideal apaixonado que se revelava pela via de uma imagética grandiosa e poderosa. Ao contrário, para a juventude televisiva e internauta, os encontros afetivos se regulam pela efemeridade das imagens diante do inacabável "ficar".

Diante dos novos sintomas subjetivos, da incapacidade de representar ou da incipiente imagética do jovem espectador, o que se observa é que o teatro, em grande medida, persiste na proposta do jogo das imagens especulares pela via dos operadores identitários da encenação. O mecanismo da identificação ocupa praticamente o centro da cena em todos os níveis no que tange à tessitura estrutural da relação "ator/espectador". Certamente, aí está um dos focos centrais da insuficiência que envolve a grande incidência da rejeição do espetáculo teatral pela juventude de hoje.

Não é o tema ou o texto das peças que conta, mas é da própria encenação que se trata. A encenação que, ainda em nossos dias, se baseia nas imagens ou nas representações identitárias vem exigindo a sua revisão e deslocamento. Cada vez mais se impõe a necessidade imperativa do teatro sem imagem, no qual a encenação constrói a si mesma em função da "efetividade cênica", na sua crueza não-representacional, ou, em última análise, não-cênica do teatro.

A problematização da prática do teatro aponta para o investimento numa "existência cênica" "física", buscando deslocar a representação da cena para o privilégio da apresentação. Esta última seria algo como uma "apresentação" ou "mostração" da encenação, isto é, o próprio processo de construção da encenação, na ausência de mediação ou adequação imagética. Para tanto, várias estratégias vêm sendo utilizadas, tais como o trabalho da exposição (do corpo, por exemplo) a serviço da própria exposição; a dança, liberta do mimetismo; a disponibilidade aos parceiros de cena; a aceitação dos imprevistos etc. A nova encenação, ao invés da significação das palavras, promoveria a sua exibição pura sob a forma de poesia intempestiva.

O espetáculo desajustado aos moldes tradicionais, mas também incompatível com a encenação moderna, corresponde indubitavelmente à proposta do "teatro da crueldade" de Artaud. Este último se configura mais como teatro paradoxal do "não-teatro" que convida, preferivelmente, o processo subjeti-

Para a juventude televisiva e internauta, os encontros afetivos se regulam pela efemeridade das imagens diante do inacabável "ficar".



O novo teatro é,  
certamente, mais do  
que produção da peça.

vante da diferenciação e não mais o privilégio da identificação no quadro da hegemonia da identidade. Para Artaud, seria preciso que o teatro encontrasse a vida, mas não a vida biológica e tampouco a realidade cotidiana. Ao contrário, seu objetivo é a vida como perturbação dos sentidos, aquela que é paradoxo, capaz de colocar em xeque a realidade consensual. Em suma, a vida que interessa ao teatro artaudiano é a vida nua e crua, como pura potência de destruição do que é dado, do que se admite natural, inquestionável ou universal.

A linguagem do teatro da crueldade se dirige, pois, aos sentidos, sem qualquer mediação, independente do significado das palavras. Trata-se, por conseguinte, para este teatro, de construir uma linguagem gestual, puramente sonora, rítmica, luminosa, podendo, ainda, utilizar-se de manequins, máscaras ou roupas, desde que esse uso se caracterize pelo apelo aos sentidos, imediato e direto. Em última análise, as palavras dessa linguagem cruel ou estranha se ocupariam em despír o teatro de todo o significado, para atingir um valor real.

Vimos que os novos sintomas vêm, com efeito, exigindo que o trabalho analítico se desloque da interpretação das representações subjetivas e se oriente, prioritariamente, pelo registro estético da criação de si ou pela intensidade pulsional que emana do encontro transferencial. Paralelamente, a produção de subjetividade da atualidade questiona a prática teatral em seus pressupostos, obrigando ao desvio da encenação como representação. O novo teatro é, certamente, mais do que produção da peça. Mas é também mais do que a encenação representada do texto, ainda que modulada pelo estilo singular de representação dos atores. Hoje em dia, requer-se um teatro capaz de encenar as condições de possibilidade da própria encenação, extraindo do encontro entre a encenação e o espectador conseqüências radicais.

#### REFERÊNCIAS

- 1 COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- 2 FREUD, S. "Psicología de las masas y análisis del yo" (1921). In *Obras Completas*, v. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- 3 GUÉNOUN, D. *O teatro é necessário?* São Paulo: Perspectiva, 2004.
- 4 KÜHNER, M. H. "O teatro. Para que serve?" In: *Revista do 3º Seminário Nacional SESC CBTIJ de Teatro para a Infância e Juventude*, 2006.
- 5 SCHNEIDER, M. *Freud et le plaisir*. Paris: Denoël, 1980.
- 6 STANISLÁVSKI, C. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. \*

# PALESTRA

HAMILTOM VAZ PEREIRA

Comecei a carreira de autor, diretor e ator participando da geração de artistas que conquistaram os palcos cariocas no meio dos anos 70. Trinta anos depois, essa geração desenvolveu-se noutros meios de expressão, mas continuou a afirmar que o teatro faria uma falta imensa se não existisse.

Depois da minha descoberta do mundo teatral, fiz muitos espetáculos e ministrei cursos para jovens aprendizes da atividade teatral. Sempre me ocorre dizer, através dos espetáculos ou palestras, que no mundo real, muitas vezes, somos levados a não acreditar que somos seres excepcionais. Mas no teatro acontece uma concentração que inspira. O espetáculo começa e logo transborda do palco para a platéia uma atmosfera de esquecimento que favorece a idéia oposta. Isto é, somos belos, fortes e imortais. Atores e espectadores se perdem para o mundo real, mas descobrem ali outros mundos. Parceiros do acontecimento, eles animam esse encontro afirmando a sua sensibilidade artística.

Ao fazer teatro sempre penso que a vida poderia ser vencida senão existisse esse impulso de existir de artistas e cidadãos.

# O SER BUSCANTE

LUIZ ANTONIO AGUIAR

Pertenço a uma geração que foi jovem numa época em que os ideais de transformação do mundo - de Che Guevara ao Movimento Hippie, passando por muita coisa - eram, em si, um *ideal*.

Quero dizer que as pessoas, principalmente aos mais jovens, tinham como referência o *ser idealista*. Não que todos fossem devotadamente idealistas. Não que todos fossem despojados revolucionários, ou visionários, ou sonhadores. Provavelmente, a maioria não era. Provavelmente, a maioria apenas nos observava e mantinha sua rotina. Essa mesma rotina que *desafiávamos* (por ser rotineira, tão mundana). Mas esse *ser idealista* era uma referência, uma espécie de *modelo da época* - fim dos anos 60, ao longo dos anos 70, até, talvez entrando nos 80. Era o que *a gente queria ser*, ou *achava* que queria, ou *sonhava* em ser. E, quando se sentia *sendo* se sentia *bem*, a vida valendo a pena, vivendo.

Mesmo alguns dos que na época nos achavam sonhadores *demais*, idealistas *demais*, ou mesmo quixotescos, tinham em algum lugar dentro de si um respeito, o reconhecimento de que gente assim *tinha de existir* para dar uma chance ao mundo. Afinal, quem sabe? *Vá lá* que desse certo a tal transformação *de tudo, o homem novo*.

Não se deve romantizar demais: era também um tempo de pensamentos e mandamentos rígidos e, em alguns casos, de sufocamento excessivo do individual em função de uma construção rarefeita e autoritária do *coletivo*, do *futuro* etc.

Hoje, vivemos um momento diferente, em que o *modelo de época*, se existe algum, é justamente o do pragmático, quando não o do predador. A incapacidade de os ideais daquelas décadas, do século e do milênio passados, construir uma alternativa social redundou no seu descrédito. E quase na sua desmoralização.

O jovem de hoje é um desiludido? Não. Desiludido talvez sejam alguns de nós que vivemos nossa juventude numa época passada e a consideram, agora, revisando esse passado, uma ilusão. A juventude de hoje não tem como referência o *ser idealista*, a *não ser como coisa de antigamente*. Ela vive e se constitui num ambiente em que valores como eficiência, concorrência etc. se impõem. Esta é a nossa realidade. E diante dela, sem a *contestação*, a tendência à apatia, ao conformismo, a achar que é assim mesmo e pronto é fortíssima, imperante.

A juventude de hoje não tem como referência o *ser idealista*, a *não ser como coisa de antigamente*. Ela vive e se constitui num ambiente em que valores como eficiência, concorrência etc. se impõem.

Ou não. Talvez essa *apatia* seja uma ilusão de ótica minha, uma cobrança abusada, quando ali eu deveria ver *aceitação*, *ajustamento*, ou seja, pessoas bem-ajustadas ao seu tempo e lugar, *realistas*.

O fato é que, quer eu me conforme com isso ou não, a rebeldia está fora de moda. Quase proscrita. Rebeldia é acusada de passadismo, de falta de senso prático.

Minha área é a Literatura, escrevo para crianças e jovens, e meu desafio é escrever sobre esta realidade, sem me render a ela (de uma maneira geral, creio que um dos desafios do escritor é escrever sobre a realidade sem se render à realidade). Creio que esse é o desafio de todos os que escrevem ou criam para jovens, e por um bom motivo. Não podemos - nós que escrevemos ou criamos para jovens - nos eximir de uma responsabilidade, quase paternal: a esperança. Se escrevêssemos para adultos, talvez (*talvez?*) poderíamos traçar do mundo o perfil mais pessimista, melancólico, depressivo, e deixar nosso público ir para casa ou fechar o livro tendo ímpetos suicidas. Não temos o direito de fazer isso para jovens. Mesmo que a desilusão seja tão maior do que a esperança em nosso íntimo.

Temos de buscar. Não tenho respostas nem de onde, nem do que encontraremos. Provavelmente, encontraremos uma coisa diferente em cada livro feito, em cada peça montada. Um sentido instigante, de gana de viver, de querer descobrir, dar valor à vida, ao próximo, ao que o ser humano cria e faz. Mas sei que mesmo sendo tão difícil - sem didatismos, sem pregações, sem doutrinamentos - temos de nos manter procurando (é nossa busca também, não apenas *dos jovens*).

E talvez envolver o jovem nessa busca, dizer a ele que nem de longe todas as respostas já estão dadas e que há muito que ele pode encontrar na vida, no próximo e em si mesmo, talvez, seja essa referência possível, hoje em dia. Não temos como afirmar o *ser idealista* (o que era sólido desmanchou-se no ar); nem a muitos de nós satisfaz o *ser pragmático*. Mas quem sabe tenhamos um modelo, uma referência (em termos de um processo, não em mandamentos ou doutrinas): o *ser buscante* para valorizar em nossas criações?

Talvez, então, seja esse *Ser Buscante* o herói de nossas histórias, nosso estimado protagonista, conduzindo com sua irrequeitude a ação de nossos enredos.

# O TEATRO NA CONTRAMÃO TEATRO X JOVEM

VINÍCIUS AZEVEDO

Ao se colocar a questão sobre o teatro na contramão, é preciso estabelecer a direção para onde se está falando: na contramão de quê? Diante da conjuntura contemporânea, em que o sistema político-econômico determina, sobremaneira, a formação das subjetividades, seja no âmbito individual ou no coletivo, e ganha, a cada dia, um tom maior de inexorabilidade (será?), é importante marcar a possibilidade, ou antes, a capacidade que o teatro tem de se colocar na contramão do próprio sistema.

O cotidiano determinado nesse contexto é caracterizado pelo turbilhão de atos e pensamentos, pela massificação do próprio corpo, na qual a experiência vivificadora de ser humano se torna rarefeita a cada momento. É o corpo que consome. Diante de um mundo onde tudo muda a cada instante, em que nossos desejos são identificados apenas como mote para o consumo, é imprescindível o contato com experiências que possam restabelecer a conexão com a energia criativa, aparato de todos nós, para a construção de novas possibilidades em relação a nossos atos e pensamentos.

Na Grécia Antiga o teatro representava a catarse, no seu sentido mais primordial. Os festivais duravam dias e as pessoas passavam o tempo todo em torno daquela festa, "confrontado" seus dramas, vivenciando a comédia de suas vidas, participando direta ou indiretamente (quase todas as peças tinham coros, principalmente as tragédias, quando o povo tinha uma "fala", marcada no "script"), fazendo aquela arte um pouco junto com os atores e, principalmente, fazendo daquela arte um momento, um lugar revigorante do sentido de ser humano e estar com o outro.

Obviamente, vivemos num mundo bem diferente da sociedade grega de 2.500 anos atrás, mas a experiência humana não pode ser medida em termos evolutivos. O que quero dizer com isso é que a vida do homem grego não era melhor nem pior do que a do brasileiro hoje, e possui sentidos que são ontológicos e se equivalem, independente do tempo e do espaço em que se dão. Na sociedade do espetáculo, em que vivemos hoje, infelizmente, o momento "revigorante" do sentido de ser humano está cada vez mais escasso e a produção da sociedade de consumo apenas coloca o indivíduo cada vez mais indivíduo na sua experiência de vida, o que apenas reforça a massificação e a padronização das subjetividades.

Fazer teatro significa lidar com essa "catarse" fundante do ser e realizar empreendimentos alienados desse sentido, é entrar no turbilhão, significa botar gasolina na grande roda do sistema.

Antes de mais nada, o teatro, enquanto expressão artística (portanto, expressão dos conteúdos e formas da vida, do mundo, do nosso mundo), precisa resistir à indústria cultural, que coopta os agentes da arte e transtorna as ações para seu próprio movimento. Não estou defendendo um teatro de resistência, que busque a sobrevivência para além das possibilidades do mercado. Esse discurso já foi feito e num momento muito mais rico, quando esse sistema estava bastante solapado e as resistências possuíam uma força coletiva impressionante. O que estou colocando é que, fazer teatro significa lidar com essa “catarse” fundante do ser e realizar empreendimentos alienados desse sentido. É entrar no turbilhão. Significa botar gasolina na grande roda do sistema. É possível manter esse sentido expressivo e ainda sim participar do “mercado”, quer dizer, estar em cartaz no grande circuito, ter platéia. Inclusive, porque essa platéia está sedenta desse sentido.

E aí nós chegamos à outra questão que se coloca: o jovem. Vou pegar carona na fala do Rozenthal, quando ele fala desse jovem, na ótica da psicanálise. O panorama é tipo “meu mundo caiu”. A família é partida, o Estado é falho, as religiões são relativas, a escola também. Só resta a esse jovem ele próprio. O que tenho observado na experiência como professor, tanto da classe média quanto da popular, é uma rigidez muito grande em relação ao outro. Nossos jovens são extremamente caretas! No vídeo, apresentado antes, um rapaz disse que nunca foi e nunca pretende ir ao teatro. Isso é de uma caretice absurda. Trata-se de uma dificuldade enorme de perceber o mundo, buscar entendê-lo, dobrar-se, rever-se. Nesse sentido, o título do seminário é extremamente significativo: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”. Faço uma leitura de que o que não se fluidifica, o que não se “remeleixa”, racha e quebra. Falo da malevolência necessária à vida, o jogo de cintura que nos permite viver as relações e transformá-las em experiências significativas da nossa história, tanto pessoal, quanto coletiva. E tenho percebido, empiricamente, que nossos jovens estão com certa dificuldade de fazer isso. Resguardando-se, obviamente, o reconhecimento necessário à pluralidade inerente à juventude.

Partimos de dois conceitos muito importantes para entender a concepção de mundo dos sujeitos: particularização e presentificação. Respectivamente, relacionados à idéia de espaço e tempo dos indivíduos. Esses conceitos foram trazidos para nós, lá no CEASM, pelo Jailson, em sua tese de doutorado sobre a trajetória de jovens oriundos de classes populares às universidades. Estão muito encaixados para entendermos o contexto e pensarmos estratégias de ação, não só com os jovens, mas também de forma mais ampla. Dizem respeito a uma planificação da experiência cotidiana, uma certa falta de perspectiva, no sentido de não haver profundidade nem continuação. No caso da presentificação, é como se o indivíduo vivesse um eterno agora, sem se preocupar muito com o amanhã, ou o fim da semana ou do mês; em relação à particularização, o mundo se restringe aos espaços em que circula, muitas vezes, apenas o espaço geográfico da própria favela, ou, no caso da classe média, o trajeto trabalho / casa. Isto é importante marcar: são conceitos que se materializam muito nos espaços populares, porém, com a coisificação da experiência humana, perpetrada pelo capi-

Trata-se de uma experiência sobre o tempo e sobre o espaço do mundo, só que no universo estético, onde os estímulos repercutem com mais intensidade e criam mais afeto. Experiências necessárias a qualquer indivíduo, mas imprescindíveis aos jovens, no contexto atual.

Na periferia deveria haver teatros, onde os espetáculos pudessem se apresentar em suas turnês oficiais, quando a população pudesse usufruir da produção de nossos artistas em sua plenitude, pois sendo uma apresentação fora da turnê, não conta com figurinos, cenários e tudo mais que torna o trabalho uma experiência estética.

talismo e suas novas ordenações da vida (internet, big brothers, shoppings etc.), percebemos como esses conceitos têm se aplicado a cada vez mais indivíduos, independente de classes sociais.

O teatro, uma experiência “de platéia”, no qual o sujeito vai se relacionar com o outro na sua frente, na hora em que a coisa está acontecendo, oportuniza a exploração das alteridades na medida em que confronta subjetividades e apresenta mundos à nossa percepção de forma maravilhosa, possibilitando relações que aprofundem a experiência cotidiana do indivíduo e o reconhecimento de nossas próprias limitações. Trata-se de uma experiência sobre o tempo e sobre o espaço do mundo, só que no universo estético, onde os estímulos repercutem com mais intensidade e criam mais afeto. Experiências necessárias a qualquer indivíduo, mas imprescindíveis aos jovens, no contexto atual.

Gostaria de relatar duas experiências que tivemos na Maré: um projeto de formação de platéia, no qual levávamos jovens que estavam se preparando para o vestibular a espetáculos e centros culturais. Eram exposições, espetáculos de teatro e dança, recitais de poesia, alternados com debates sobre esses eventos com pessoas ligadas a eles de alguma forma (críticos, artistas, especialistas). Nossa resposta foi maravilhosa, no sentido do engrandecimento, que todos nós experimentamos e do retorno que os jovens nos deram (isso não garantiu que todos passassem no vestibular, mas passar na prova, nem sempre é “prova” de engrandecimento pessoal, infelizmente). Essa experiência perdeu o financiamento e não teve continuidade. Uma outra experiência foi com um jovem, meu aluno, na época de uma oficina de artes plásticas. Sempre levamos nossos jovens a eventos culturais, justamente porque entendemos como essa experiência amplia o tempo / espaço de todos nós. Levamos esse grupo a uma peça de teatro e ao chegar no hall do teatro, o jovem, na época com 18 anos, me perguntou o que aconteceria ali, “uma palestra ou uma palhaçada?” Dei-me conta que aquele sujeito sequer sabia o que era teatro. Expliquei a ele que era tipo uma novela, só que os atores estariam contando a história na nossa frente, em cima de um palco. O desenrolar da peça foi maravilhoso, havia momentos interativos e o jovem, com certeza, experimentou algo novo, mas que é bem conhecido, que é o encontro com a alteridade e toda aquela questão abordada anteriormente, abrindo caminho para novas vivências.

Como último ponto, gostaria de colocar a questão do acesso a bens culturais. O movimento realizado pelo poder público em relação à política cultural é do mínimo possível, quer dizer, fazer pouco com muito, dando importância aos grandes empreendimentos e pouca ou nenhuma às ações diluídas e diversificadas. Por que não tem teatro na periferia? Concordo com o Hamilton quando ele fala da contrapartida: as companhias não deveriam ser obrigadas a fazer apresentações nas lonas culturais como contrapartida ao financiamento da prefeitura. Na periferia deveria haver teatros, onde os espetáculos pudessem se apresentar em suas turnês oficiais, quando a população pudesse usufruir da produção de nossos artistas em sua plenitude, pois sendo uma apresentação fora da

turnê, não conta com figurinos, cenários e tudo mais que torna o trabalho uma experiência estética. Não estou defendendo que a peça seja feita de figurinos e cenários, muito menos que se acabe com as contrapartidas. Um monólogo “pela-do” pode ser muito mais intenso do que uma peça cheia dos “balangandãs” e a política da contrapartida possibilita, de um jeito ou de outro, que a experiência chegue às periferias. Estou chamando a atenção para o fato de que é pouco e que esse “pouco” é a política do governo neoliberal. É mais rentável construir a Cidade da Música (com 150 milhões de reais!), promover o show dos Rolling Stones, do que investir em equipamentos apropriados de difusão da arte (centros culturais, teatros etc.) em diversos locais que saiam do eixo centro / zona sul e em propagação dos hábitos de freqüentação (projetos educacionais, promoções de ingressos, que já existem, mas podem ser consideravelmente ampliados).

As iniciativas da sociedade civil são fundamentais nesse sentido, tanto no que diz respeito à construção de possibilidades de acesso, através de projetos culturais, quanto ao papel que podem assumir de pressionar o poder público para atuar levando em consideração a eqüidade e a distribuição de oportunidades.



## OFICINAS OFERECIDAS

DIA 20 DE MARÇO

**"Palavras do Silêncio"**

Orientador: Álvaro Assad

DIA 21 DE MARÇO

**"Confecção de adereços com material reciclado"**

Orientador: Eduardo Andrade

## FÓRUNS ABERTOS OFERECIDOS DURANTE O SEMINÁRIO

DIA 21 DE MARÇO

LEITURAS DRAMATIZADAS

**Enamorados** – Rômulo Rodrigues

**Guarda um beijo meu** – Mário Costa

COMENTÁRIOS DE

Carlos Augusto Nazareth

Maria Helena Kuhner

Márcia Frederico

DIA 22 DE MARÇO

TEATRO EDUCAÇÃO



# PALAVRAS DO SILÊNCIO

ÁLVARO ASSAD

## MÍMICA: A ARTE DO GESTO

Escrever sobre mímica no Brasil é contar história. Não temos uma dita "escola tradicional" como na França e em outros países que podem cursar durante anos técnicas aprofundadas sobre o método de Etienne Decroux ou compartilhar a Escola de Marcel Marceau em Paris. Nossos entusiastas gestuais imigram em busca de conhecimento ou compartilham com aqueles que nos trazem sua bagagem de outras terras. Comigo, assim foi. Em 1991, felizmente, cursei uma oficina de cinco finais de semana com o mímico português Luís de Lima no Museu Imperial-RJ (lugar perfeito para uma oficina de mímica clássica com um mímico português). Lá tive o primeiro contato com exercícios clássicos, segmentação, poesia e muitas histórias contadas pelo *partner* de Marcel Marceau. Luís de Lima foi o precursor da mímica moderna no Brasil, pois em 1953 estreou o primeiro mimodrama em solo brasileiro - *O Escriturário*. Em seguida, aproveitei a ida do espetáculo "O Cobrador" ao Rio de Janeiro, em que o mímico paulista Fernando Vieira atuava, assinava a preparação mímica e ministrava um *workshop* de 1 semana. No ano seguinte (1992), o mesmo Luís de Lima realizou nas salas da Fundação Cultural do Ibam-RJ uma audição seguida de um curso para montagem do que viria a ser o seu último mimodrama, *O Pierrô*, que vem de longe. Ali tivemos uma aglomeração de artistas gestuais. Dentre eles: Tatiana France, Nadia Thalji, Sergio Bicudo, Toninho Lobo, Jiddu e eu. Após uma curta temporada, formei uma dupla com Jiddu com a qual por anos exploramos a linguagem das pantomimas e tive a oportunidade de dirigir o espetáculo de sua autoria *Por Detrás do Silêncio*. Mais do que dirigir, pude trocar experiências e principalmente me impregnar artisticamente com o estilo histriônico e arrebatador desse mímico curitibano que é discípulo do mímico paranaense Everton Ferre, que por sua vez é discípulo do mímico peruano Jorge Acuña Razzuri que aprendeu com o seu pai Jorge Acuña Paredes. Junta-se este "caleidoscópio de influências" e hoje encontramos uma nova geração. Como diz o Jiddu, nós

ÁLVARO ASSAD é "mímico, ator, mímico, diretor e mímico". Pesquisa e desenvolve sua técnica artística há 16 anos. Fundou em 1993 o grupo carioca Centro Teatral e Etc e Tal (Melissa Teles-Lôbo, Marcio Moura e Alvaro Assad) que tem no humor e na Pantomima-Literária (técnica de narração simultânea à ação mímica) suas marcas registradas. Vêm apresentando seu repertório de espetáculos e oficinas em Festivais Nacionais e Internacionais de Teatro (RJ, SP, MG, DF, PR, SC, TO, AL, MS, BA, Dinamarca, Alemanha, França, Portugal, Paraguai e Argentina) e acumulam 37 prêmios e muitas gargalhadas.  
[www.etcetal.art.br](http://www.etcetal.art.br)

somos quase que uma "sociedade secreta" (risos). Nem tanto, o Eduardo Coutinho fez sua tese de mestrado sobre a mímica e nos rendeu um valioso livro (*O Mimo e a Mímica*), Alberto Gauss conduz o seu "*Solar da Mímica*" ([www.solardamimica.com.br](http://www.solardamimica.com.br)) realizando cursos, Vicentini Gomes, Josué Soares, Toninho Lobo e Fernando Vieira continuam atuando loucamente, influenciando e ensinando. Por falar em Fernando, este influencia tanto que Cláudio Carneiro hoje aluga para o Cirque du Soleil seu solo de pantomima. Gabriel Guimard percorreu terras e agora está de volta a São Paulo fazendo história. E Jiddu Saldanha?... ahh o Jiddu, este é talvez o mais inquieto mímico, poeta, autor, performer, artista plástico e não satisfeito (graças a Deus, Jiddu nunca está satisfeito) agora nos promove um verdadeiro "testemunho mímico" ao colocar na internet um bloog ([www.paparazho.hpg.ig.com.br](http://www.paparazho.hpg.ig.com.br) [www.mimicamaravilhosa.blogspot.com.br](http://www.mimicamaravilhosa.blogspot.com.br)) com entrevistas e informações sobre os mímicos, e como ele mesmo diz: a arte do gesto. Foi no teatro em 1992 que tive minha primeira aula de mímica brasileira, assistindo ao mesmo Jiddu, e confesso que me assustei com os movimentos, sonoridade e histrionismo que até então não conhecia e que emergiam daquela figura cênica de figurino preto e branco com luvas e máscara branca. Tinha idéia que os mímicos eram artistas com movimentos suaves e sinuosos, e sinuosos e suaves. Puro engano que o tempo me pluralizou. No ano de 2006 fui convidado para ministrar minha Oficina de Mímica Palavras do Silêncio no Seminário do CBTIJ, e pude compartilhar com atores e curiosos cariocas e de outras regiões do Brasil um pouco da técnica gestual que hoje busco, e muito da minha paixão pela mímica. Foi em um encontro como este que fui fisgado. E acredito no poder que a mímica exerce no espectador e no ator/mímico. Ao mímico cabe buscar um estilo próprio, criar uma identidade de trabalho. Precisamos, sim, beber nas fontes gestuais que estão presentes, mas acima de tudo impormos a nossa identidade artística. Pesquisar e treinar sempre. Não nos deixar levar por modismos. Criar novas pantomimas, pois assim cada vez mais enriqueceremos a pluralidade desta arte gestual.

# OS BONECOS AO LONGO DO TEMPO

## Múltiplas formas, múltiplos materiais, impacto ambiental e contribuição para o campo da Educação

EDUARDO ANDRADE

### INTRODUÇÃO

Historicamente, durante milênios, o homem construiu o ambiente artificial com os materiais de que dispunha: pedra, madeira, argila, couro, fibras naturais e alguns metais fazem parte do rol de materiais dos quais o homem se apropriou. A confecção de bonecos pelo homem seguiu o mesmo parâmetro e desde as Vênus primitivas até os dias atuais, eles compõem o nosso repertório cultural, sendo utilizados tanto com o objetivo de entreter quanto com o objetivo de educar.

O presente artigo pretende apresentar alguns tipos de bonecos que sobrevivem na atualidade e contribuir para a formação de agentes mediadores da leitura que tenham no uso de bonecos uma estratégia de ensino que favoreça a interação.

### 1. TIPOS DE BONECOS E IMPACTO AMBIENTAL

#### O objeto/boneco e o títere

Segundo Ana Maria Amaral, em seu livro *Teatro de Formas Animadas*:

“Boneco é o termo usado para designar um objeto que, representando a figura humana, animal ou abstrata, é dramaticamente animado diante de um público” (Amaral, 1996, 71 p.).

Segundo a historiadora Magda Modesto, entrevistada em dezembro de 2004:

“O boneco é apenas o objeto, inerte. Quando este objeto, que pode ser qualquer coisa, ganha a energia do manipulador, passa a ser um títere”.

Essa segunda definição é mais coerente com o sentido da palavra títere.

**Títere: boneco que se faz mover ou gesticular**

Dentre os tipos de bonecos que sobrevivem na atualidade, destacamos:

#### **Fantoches: bonecos de mão ou de luva**

São bonecos simples que quase nunca apresentam pernas e vestem a mão do manipulador. O modo de operação mais comum é usar o dedo indicador para a cabeça e o polegar e o dedo máximo para os braços (existem variantes). Nesse sistema o manipulador se apresenta abaixo ou no mesmo nível que o boneco.

#### **Bonecos de Vara**

São bonecos que recebem este nome por serem manipulados através de uma vara de fixação que atravessa todo o corpo até a cabeça, e por outras varas usadas para movimentar suas mãos e pernas. Ele pode ser manipulado por uma ou mais pessoas e essas se encontram abaixo ou no mesmo nível do boneco. Segundo Guillermo Murray e Rocio Mijares em seu livro *Teatro de Varillas y Marionetas*, os bonecos de vara são também chamados de bonecos javaneses, em homenagem a ilha de Java, onde este “tipo de teatro de títeres há tido un desarrollo singular”.

#### **Marionetes: bonecos de fio**

São bonecos de corpo inteiro que possuem articulações movimentadas por fios. Quanto maior o número de fios, mais precisa é a animação do boneco. Normalmente eles são movimentados por cordões ou fios que vão dos membros e partes do corpo do boneco para uma cruzeta de controle na mão do manipulador, que se encontra acima do boneco.

#### **Bonecos de manipulação em balcão**

Este tipo de boneco pode ser dividido em:

- Bonecos de corpo inteiro que o manipulador movimenta por contato direto ou por pequenos extensores rígidos, à vista do público ou usando roupas escuras neutralizadas pela cortina de luz.
- Bonecos em que parte do corpo é do próprio manipulador. Ex: quando a cabeça do boneco é a de quem o está manipulando.

#### **Bonecos de Teatro de Sombras**

Bonecos que não se apresentam diretamente ao público, mas sim através de sombras que são projetadas em uma tela semitransparente. Geralmente são figuras bidimensionais recortadas em couro, e a manipulação é feita por varas ou cordões. O manipulador deste tipo de boneco pode se encontrar no mesmo nível ou abaixo das figuras.

#### **Bonecos de vestir**

São bonecos em que o manipulador se coloca dentro do boneco. O ator vestido com um personagem-boneco pode ser um boneco-máscara ou uma máscara-corporal.

Existem diversas variantes e combinações de tipos de manipulação. Apresentamos aqui apenas um repertório para ilustrar esse universo.

## 2. A PERSONALIDADE DOS BONECOS

De todas as partes que compõem um boneco, a cabeça é a que mais fornece elementos da sua personalidade. Num boneco de luva, portanto, sua confecção exige cuidados especiais. Em geral, o bonequeiro faz um desenho frontal e um lateral para estudar as proporções e marcar os traços que melhor se adequem ao contexto da narrativa. O uso de um desenho como referência facilita o trabalho na hora de tridimensionalizar o objeto, evitando erros desagradáveis como, por exemplo, o de se criar um boneco que não se enquadre com o personagem da trama. Alguns mamulengueiros (como são chamados os bonequeiros do nordeste brasileiro), por sua vez, esculpem diretamente suas peças sem nenhum desenho prévio. Segundo o mestre Zé Lopes (2001), mamulengueiro do Município de Glória do Goitá na Zona da Mata pernambucana, "a figura do boneco já deve estar na cabeça", e é com destreza e experiência que se deve transformar um pedaço de tronco de árvore num expressivo boneco.

Existem vários processos de confecção de cabeças nos dias de hoje, com os materiais ofertados pelo meio ambiente. Vamos aqui abordar os principais.

### Bonecos de madeira

Dos materiais mencionados, a madeira acabou sendo o mais usado, talvez por sua durabilidade e resistência às pancadas comuns no Teatro de bonecos, e também pela facilidade de se esculpir, uma vez que determinadas espécies foram selecionadas para esse fim, como é o caso do mulungu no nordeste brasileiro.

O processo de confecção de bonecos em madeira, no caso dos mamulengos do nordeste, é totalmente artesanal; o bonequeiro apóia um pedaço de tronco entre suas pernas e com instrumentos cortantes que ele mesmo adapta de facas, formões e pequenas serras, vai dando forma ao material. O resultado, em alguns casos, é propositadamente primitivo, porém vamos encontrar também bonecos de extraordinário poder expressivo.

As cabeças de mulungu são bastante resistentes e podem durar anos se bem conservadas; em geral passam de uma geração de mamulengueiros para outra.

O impacto ambiental da confecção dessas cabeças é praticamente zero, uma vez que a madeira pode ser adquirida na poda das árvores, garantindo assim a sustentabilidade ambiental - condições sistêmicas segundo as quais as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseiam tudo o que a resiliência do planeta permite e, ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural.

Segundo mestre Zé Lopes (2001) porém, a realidade é um pouco diferente, uma vez que está cada vez mais difícil de encontrar árvores de mulungu, talvez pelo desmatamento predatório dos grandes latifundiários, o que faz com que o

*continua na página 33*



mamulengueiro, ao encontrá-las, também a derrube para garantir um estoque de matéria prima, agravando ainda mais a situação.

### **Bonecos de papel/papier marché**

Outro processo de confecção de cabeças com impacto ambiental ainda menor é o uso de massa de papel (papier marché)

O papier marché (papel esmagado, picado) é uma técnica milenar, juntamente com o papier collée (papel colado), também chamado de papietagem ou pelagem. Já se conhecia o papel marché na China de dois séculos antes de Cristo, praticamente na época em que nasceu o papel. Os chineses fabricavam capacetes e recipientes para líquidos, depois de impermeabilizados. Outros povos orientais usaram largamente o papel marché para a fabricação de utensílios diversos, como pratos, caixas e outros objetos. Com o tempo e o crescimento do comércio com os povos da Europa, a técnica atingiu o ocidente e aí ganhou grande desenvolvimento e, principalmente, passou a ser amplamente utilizada na fabricação de ornamentos e objetos de arte. Na França, inicialmente, e depois na Inglaterra, a técnica do papel marché foi usada para preparar objetos decorativos como candelabros, ornamentos de teto, porta-jóias e bijuterias. Até mesmo biombos e divisórias na área de arquitetura e barcos leves foram feitos com papel marché. Na Itália, a ênfase maior se deu para o papel colado e os italianos dedicaram-se a fazer máscaras. O material serve para uma modelagem bastante versátil e tem mais durabilidade do que normalmente se imagina. As cabeças de boneco feitas em massa de papel adquirem grande vida útil e, dependendo da habilidade do bonequeiro, possuem grande expressividade. São bem mais leves que as cabeças de madeira, porem, menos resistentes.



A confecção de cabeças em massa de papel talvez seja, dos processos existentes, o de menor impacto ambiental, uma vez que se utiliza do reaproveitamento de papel na sua fabricação. A priori, qualquer tipo de papel pode ser usado, com exceção daqueles que possuam algum tipo de impermeabilizante ou camada de cera. O jornal é comumente a matéria prima mais usada, uma vez que é fácil de adquirir.

### **Bonecos com base de isopor**

Outro processo bastante usado é o de se esculpir a cabeça em isopor ou poliuretano, revestindo-a com papel colado. Em geral, após a escultura de isopor pronta, esta é revestida com várias camadas de papel que são colados em pequenos pedaços com cola branca ou goma de polvilho azedo, até se ter uma camada que garanta a resistência da cabeça. Quando seca, o papel adquire grande rigidez e pode ser ainda revestido com uma fina camada de resina de poliéster, garantindo assim ainda maior resistência e tornando-se impermeável. Depois de lixada a resina, aplica-se massa plástica que também é lixada depois de seca, e a superfície está pronta para receber a pintura. Outra possibilidade de forração do isopor depois de esculpido é a aplicação de tecido de algodão com



cola no lugar do papel colado. O resultado em relação à resistência é praticamente o mesmo.

### **Bonecos de espuma**

Uma outra possibilidade de confecção de cabeças é com o uso de espuma flexível. Existem duas maneiras de se fazer bonecos de espuma: a primeira é através da escultura, na qual se pega um bloco de espuma que vai sendo desbastado com estilete e tesoura até chegar à forma final da cabeça; é um processo bastante demorado e que exige grande habilidade do bonequeiro em sua execução. O outro processo é feito com laminado de espuma que é cortado em lugares predeterminados que são unidos com cola de contato, criando assim volumes em formas definidas por esses cortes.

Os bonecos de espuma são muito expressivos e possuem textura regular. Apresentam como principal inconveniente a fragilidade do material.

### **Bonecos de PET**

Apresento a possibilidade de confecção de cabeças feitas a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos - o PET.

Quando usamos garrafas PET para confecção de bonecos, estamos economizando etapas, pois não precisamos moldar ou esculpir a matéria prima para chegar a uma forma inicial; essa forma já existe na garrafa. Isso é fácil de entender quando pegamos bonecos confeccionados em outros materiais. Na madeira, por exemplo, iniciamos o processo de confecção com um pedaço de tronco ou galho em estado bruto, que deverá ser desbastado com ferramentas até se chegar a uma forma, definida aqui como "forma primária". As garrafas PET já são "bases" prontas para serem usadas. Suas formas pré-definidas poderiam ser interpretadas como um limitador na confecção dos bonecos, porém a variedade de formas de garrafas disponíveis no mercado é tanta que se torna possível um repertório bastante grande de personagens.

Todos os processos aqui descritos são artesanais e, em geral, podem ser confeccionados com reaproveitamento de materiais, o que coloca a construção das cabeças dos bonecos fantoche dentro de uma categoria de baixo impacto ambiental. Até mesmo os bonecos com materiais sintéticos, como poliuretano e isopor, podem ser criados a partir de refugos industriais, cujo impacto ambiental se encontra na fase de produção dessa matéria prima. As chamadas sobras ou pontas de injeção que seriam descartadas como lixo transformam-se em matéria prima para confecção de bonecos. Bonecos de espuma também podem ser feitos com sobras de espuma de estofadores.

### **3. OS BONECOS COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Muitos são os exemplos bem-sucedidos no campo da educação que têm como apoio a utilização de bonecos. Podemos destacar o "**Sesame Street**", que no ano de 1969 estreou como um programa que mudaria o paradigma

*continua na página 33*



# MOSTRA DE ESPETÁCULOS PARA CRIANÇAS

## Lagoa Rodrigo de Freitas

DIA 19 DE MARÇO

**Abertura**

"Boa Praça"

**Show do Carequinha**

"Palhaço Carequinha"

**Bia Canta e Conta**

"Bia Bedran"

**Pequenas Interferências**

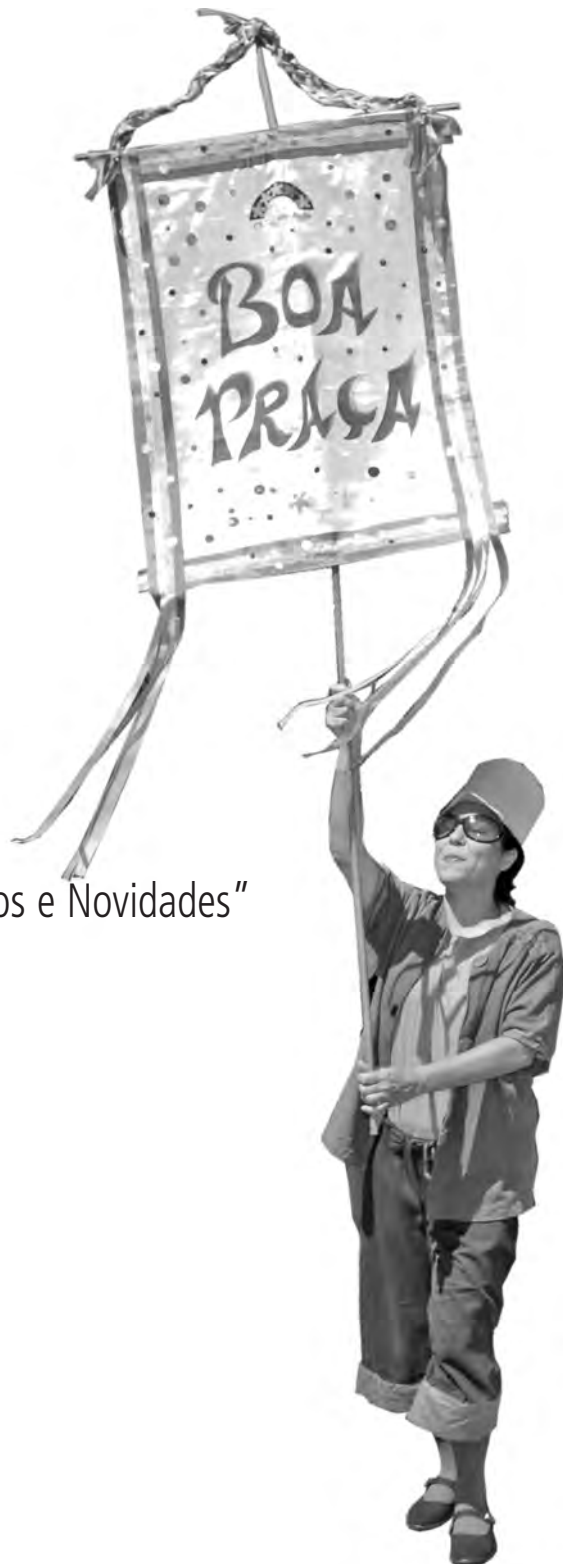
"Bonecos em Ação"

**Pajelança**

"Grande Cia. Brasileira de Mystérios e Novidades"

**Pixinguinha**

"Flautistas da Pró-Arte"



televisivo mundial. Essa série trouxe mesmo algo de novo para a tevê: além do entretenimento usual, propiciou, de maneira inédita, educação pré-escolar aos espectadores infantis. Trata-se de uma produção da PBS criada pelo mago Jim Henson - o inventor dos Muppets - e pela produtora executiva Joan Ganz Cooney, com o apoio especializado de educadores da Universidade de Harvard. O programa, que vem sendo transmitido desde aquela época e que já conquistou os corações de milhões de crianças ao redor do mundo, detém 85 prêmios Emmy e é exibido em praticamente 150 países. No Brasil ficou conhecido como **"Vila Sésamo"** e foi um grande sucesso dos anos 70, funcionando como jardim de infância para ensinar às crianças hábitos de higiene, noções de matemática, língua portuguesa, meio ambiente e vida natural. Uma curiosidade na aplicação do boneco como elemento de influência no dia-a-dia das pessoas pode ser vista quando um personagem do seriado infantil "Vila Sésamo", ainda exibido nos Estados Unidos, reduz o consumo de seu alimento favorito - biscoito - em uma iniciativa para combater a obesidade infantil. O boneco de pelúcia, conhecido como Monstro Cookie, atualmente diz aos telespectadores que "um cookie é uma comida para de vez em quando". Outro que também saiu por ser considerado obeso foi o personagem Shaky da cadeia Mc Donald's.

**"Teletubies"**, criado na década de 90 pela BBC, é outro exemplo em que bonecos são utilizados. A série foi desenvolvida a partir de pesquisas que mostram que o uso de repetições, de cores vivas e de determinadas estratégias narrativas encoraja a criança a desenvolver habilidades visuais e dedutivas.

Mais um exemplo é o programa da TV Cultura **"Castelo Rá-Tim-Bum"**. Nele, recursos inovadores da linguagem audiovisual aliados à dramaturgia apropriada para crianças de seis a treze anos são utilizados. A cada episódio, atores e bonecos estimulam a criatividade e a fantasia das crianças trabalhando com conceitos de matemática, ciência, geografia e língua portuguesa.

Também no **"Sítio do Pica-Pau Amarelo"** bonecos são bastante utilizados. Eles são bastante sofisticados, e para a confecção foram utilizados recursos de animatrônica, o que comprova o investimento de peso na área.

A lista é bastante grande: TV Colosso, Cocoricó, 31 minutos, os programas infantis de Xuxa, Angélica e Eliane, e até programas não voltados para o público infantil se utilizam de bonecos como é o caso de **"Mais Você"** da Ana Maria Braga com o Louro José, e o **"Programa do Ratinho"** que tem um mascote em forma de rato.

Também em comerciais, como o do Ministério do Meio Ambiente, que aborda, de forma bastante didática, a utilização e o destino de produtos tóxicos usados na agropecuária, bonecos vêm sendo utilizados. A campanha da Rede Globo e da Unicef mostrando a importância do registro de nascimento para a população brasileira é toda feita com bonecos de dedo e recursos de computação. A série **"Que trabalho é esse"**, dentro do projeto **"Educação nos Trilhos"**, tem

parceria da TV Futura com a OIT e com a Companhia Vale do Rio Doce, e é também um bom exemplo do uso do boneco em programas de conscientização popular, no caso o trabalho escravo no sul do Brasil.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, seguindo a trilha de sucesso e a inquestionável aceitação do público e dos educadores, torna-se comum, hoje em dia, encontrar-se algum programa educativo fazendo uso de bonecos para facilitar a comunicação com o público, principalmente infantil.

Na verdade, a concepção atual dá conta de que os bonecos podem passar um conteúdo sério de forma lúdica e educativa com a grande vantagem de que eles quebram barreiras culturais, raciais e sociais, facilitando assim a transmissão da informação que chega ao público de forma mais objetiva e clara, na forma de entretenimento.

Considerar que bonecos carregam histórias, que fazem parte do repertório cultural da sociedade, que têm origens remotas, que podem ser confeccionados respeitando o meio ambiente e que já são extremamente bem aceitos pelo público, principalmente infantil, pode ser um incentivo para a sua inserção nos ambientes de trabalho dedicados à leitura e à educação. Possivelmente com isso, a união entretenimento e educação seja potencializada e os agentes mediadores da leitura possam ter na utilização de bonecos uma possibilidade concreta de interação e parceria.

#### REFERÊNCIAS

- 1 Matéria na Folha de São Paulo, caderno Ilustrada, 05 de Junho de 2005. *Boa TV ajuda em aprendizado infantil*. Pesquisas apontam que programação de qualidade melhora o nível de leitura e aumenta a criatividade em crianças.
- 2 Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - *Mamulengo*, publicação patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura, através do Serviço Nacional de Teatro, Secretaria de Assuntos Culturais (Seac) e da Funarte (Fundação Nacional de Artes).
- 3 Entrevista com a pesquisadora de Teatro de Bonecos Magda Modesto em dezembro de 2004
- 4 AMARAL, Ana Maria. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- 5 FILHO, Hermilo Borba. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Inacen, 1987.
- 6 SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo, um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1979.
- ALCURE, Adriana Schneider. *Mamulengos dos mestres Zé Lopes e Zé de Vina*. Rio de Janeiro: Centro de Letras e Artes/ UNIRIO, 2001.
- 7 MANZINI, Ezio. *O desenvolvimento de produtos sustentáveis*. São Paulo: Edusp, 2002.

# MACBETH, OTELO, ROMEU E JULIETA? JÁ É!

ANTONIO VERÍSSIMO DOS SANTOS

Entre os anos de 2001 e 2003 realizamos, na Escola Municipal Leonor Coelho Pereira, localizada na favela da Vila Cruzeiro, três experiências de adaptação de peças de William Shakespeare para o cotidiano daquela comunidade.

O compromisso com um percurso metodológico que descortinasse “a universalidade contida na realidade pré-interpretada pelo subalterno, que sugere uma teoria da prática” ao invés de simplesmente induzi-lo “a fazer a prática da teoria”<sup>1</sup> nortearam estas experiências. A busca específica por formas teatrais aptas a acolher e traduzir o universo simbólico e cultural dos protagonistas das experiências (os alunos) - melhor dizendo, o empenho de tentar localizar as formas já contidas, em estado de gérmen, neste universo - e modelaram estas experiências. Esse foi o ponto de partida para a tentativa de compreensão dos êxitos e fracassos da adaptação de *Romeu e Julieta*, *Otelo* e *Macbeth* para o cotidiano de meus alunos. O trabalho analítico, apresentado como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, em 2004, enfatizou a subversão que se fez necessária realizar nos princípios formais do drama clássico para que o universo temático proporcionado por Shakespeare recuperasse seu vigor e sua atualidade. Nesse sentido, o trabalho também pode ser definido como uma tentativa de analisar, a partir daquelas experiências, os encontros e desencontros entre forma e conteúdo no campo do teatro. A hipótese que se tentou comprovar é que os êxitos ocorreram sempre que houve sintonia entre esses dois elementos, ao passo que os fracassos ocorreram, pelo menos em parte, quando os mesmos constituíram não uma unidade, mas uma antinomia estética.

<sup>1</sup> MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

A saber, o conflito entre as famílias rivais dos Montecchios e Capuletos, de *Romeu e Julieta*, foi transformado no conflito entre o Morro dos Montéquios e o Morro dos Capuletos, dominados por facções rivais do tráfico de drogas; o personagem de Macbeth foi transformado num fogueteiro que, movido pela ambição de ascender na hierarquia do tráfico, mata o “dono do morro” (chefe do tráfico) para ficar no seu lugar; e Iago foi transformado num “soldado do morro” que, movido pelo ressentimento de ter sido preterido por Otelo (o chefe do tráfico) para ser seu “fiel” (auxiliar direto), faz este último acreditar que era adulterado por Desdêmona, sua mulher, com Cássio, seu escolhido.

# ENAMORADOS

RÔMULO RODRIGUES

CENAS SIMULTÂNEAS. HUGO (UM JOVEM) E TERESA (UMA JOVEM) APRESENTAM-SE.

HUGO - Meu nome é Hugo Alves Vandal, tenho 18 anos nasci no dia 5 de julho, sou do signo de câncer. Meu ascendente? Não tenho menor idéia de qual seja. Eu nasci em São Paulo, mas vim pro Rio de Janeiro com mais ou menos 4 anos, junto com meus pais. Sou solteiro, não tenho namorada, acho que nem amigos de verdade eu tenho... não, também é exagero, tenho alguns amigos sim, poucos mas tenho. A minha maior qualidade é a honestidade e o meu grande defeito acho que é a timidez. Meu prato preferido é bife com bastante cebola e batata frita. A mulher ideal? Sei lá... que goste de mim, que seja carinhosa, sei lá...

TERESA - Meu nome é Teresa da Silva Martins, nasci no dia 28 de fevereiro, tenho 17 anos, sou de Peixes, meus pais se chamam Claudionor e Mariuza. Minha maior qualidade é a sinceridade, meu maior defeito... namorar muito (Rir). Ah! Gosto de homem assim... forte, sarado, moreno, tipo academia, é desses que eu gosto. Também gosto de ir à praia, sair com minhas amigas, sair pra dançar... encontrar uns gatinhos por aí. Pra falar a verdade, essa é a melhor parte da minha vida.

HUGO - Sonho? São tantos... mas acho que de encontrar um grande amor.

TERESA - Sonhos? Tenho dois... mas o principal deles é de encontrar um grande amor.

CENAS SIMULTÂNEAS. HUGO E TERESA DORMINDO CADA UM EM SEU QUARTO. SOM DE DESPERTADOR TOCANDO.

HUGO E TERESA (JUNTOS) - Eu quero dormir!! (PARA O DESPERTADOR.)

Só mais cinco minutinhos. (O DESPERTADOR TOCA DE NOVO) Já vou, coisa chata!!

HUGO - É impressionante! Quando a gente quer dormir o tempo passa voando. (OLHANDO PARA O RELÓGIO) Espere aí, ainda são seis e cinquenta e nove.

TERESA - Eu mal fechei os olhos e trim! Trim! Esse despertador chato toca.

HUGO - Um minuto é muito importante, eu não abro mão. Se

eu tenho que acordar sete horas pra que acordar seis e cinquenta e nove?

TERESA - (PARA O DESPERTADOR) Não vejo a hora de chegar domingo e dormir até meio dia, dormir, dormir...

HUGO - (PARA O DESPERTADOR) No domingo, eu vou te colocar para despertar só pra ter o prazer de te desligar e dormir, dormir...

HUGO E TERESA - (ESPREGUIÇANDO) Só de pensar em ir para aquele cursinho pré-vestibular chato.

TERESA - Ainda se fosse à praia.

HUGO - Ainda se fosse jogar bola.

HUGO E TERESA - Mas estudar. Eu quero dormir!!!

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA CADA UM EM SEU BANHEIRO. OS DOIS FAZENDO XIXI. SOM DE XIXI CAINDO NA PRIVADA.

HUGO - Eu adoro fazer xixi. Fazer xixi não, mijar, xixi é coisa de mulher. Eu adoro mijar quando estou com vontade.

TERESA - Eu adoro mijar. Mijar, não, fazer xixi. Mijar é coisa de homem. Eu adoro fazer xixi quando estou com vontade

SOM DE DESCARGA.

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA OLHAM-SE NO ESPELHO.

HUGO E TERESA - Que horror, que cara horrível.

TERESA - Que cara inchada cheia de olheiras. Estou até vendo, aquele povinho do cursinho falando... "Aí Teresa, a noite foi boa, tomou todas. Está de ressaca? Nem me chamou para festa..." Quem me dera. A minha festa foi em frente aos livros estudando para o vestibular.

HUGO - Meu Deus, hoje estou mais feio do que todos os outros dias. O que é isso? Ah! Não, outra espinha. Não acredito. Será que espinha é infinita? Não aqueço mais aquelas piadinhas... "Vê se para de se virar na mão, Hugo, assim não pára de nascer espinhas, está até com olho fundo!" Como se tivesse alguma coisa a ver.

HUGO E TERESA - Por que as pessoas têm que ser tão intrometidas?

TERESA - (GRITANDO) Se eu enchi a cara o problema é meu!!!!

HUGO - (GRITANDO) Se eu toco punheta o problema é meu!!!

HUGO E TERESA - E ninguém tem nada a ver com isso!!!!

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA TROCANDO DE ROUPA CADA UM EM SEU QUARTO.

HUGO E TERESA - Todo dia essa correria.

TERESA - Não vejo a hora de me formar.

HUGO - Não vejo a hora de trabalhar.

HUGO E TERESA - Não vejo a hora de me aposentar. Ih!!! Vou me atrasar pro cursinho de novo!!

SOM DE TRÂNSITO INTENSO. HUGO E TERESA NO MESMO ÔNIBUS INDO PARA O CURSINHO. ELES NÃO SE VÊEM.

HUGO E TERESA - Pelo menos o ônibus não está cheio.

HUGO - É um saco ônibus cheio, ter que levantar pra velhinho. Parece que eles me escolhem. É só não ter lugar e logo vem um para o meu lado, com aquela cara de coitado, aí eu muito educado levanto... ou então finjo que estou dormindo.

TERESA - Pelo menos não vou me aborrecer com aqueles tarados que adoram ficar se esfregando na gente, quanto mais cheio o ônibus mais se aproveitam, e quando a gente reclama se ofendem, como se fossem os mais inocentes do mundo. Eu ainda pego um alfinete e espeto um filho-da-mãe desses.

HUGO - Mas até que eu gosto de andar de ônibus, às vezes eu me esqueço da vida aqui dentro... Faço planos para o futuro, me lembro do passado e me esqueço do presente.

TERESA - Esse ônibus não anda, não vejo a hora de ter o meu carro e não depender de ônibus nunca mais.

HUGO - Estou na maior dúvida sobre que carreira seguir, eu gostaria muito de ser um Físico... o Físico Hugo Alves Vandal. "Para toda ação uma reação" ... isso não é só uma lei da Física e uma lei da vida... mas todo mundo diz que Físico no Brasil não tem campo de trabalho, que no máximo eu vou conseguir trabalhar de professor de física e que ser professor hoje em dia não dá dinheiro, que os professores ganham mal, chegam até a passar fome. Por isso vou fazer vestibular para direito. Segundo a minha mãe advogado ganha bem e tem emprego garantido. Não deve ser ruim. Eu vou poder ajudar as pessoas. Isso é legal. Meu pai queria mesmo que eu fosse médico mas, minha mãe ganhou a parada, ele não cansa de dizer que eu nasci para isso, que desde pequenininho eu adorava brincar de médico com as minhas primas. (RIR MALICIOSAMENTE) Eu não sei se ele é bobo ou se se faz de bobo.

TERESA - Será que um dia eu vou ser rica? Meu sonho é ser

rica e famosa... Ser uma grande atriz... Eu acho que tenho talento, mas a minha família nem quer ouvir falar do assunto. Os meus pais dizem que ser artista é passa-tempo, não profissão. Eu não acho... Os artistas tem o poder de mudar o mundo, são formadores de opinião... Sempre que digo isso eles riem debochando. O sonho dos meus pais é ter uma filha doutora... Uma advogada... Tadinho do meu pai, juntou dinheiro a vida toda, fez uma poupança só para pagar os meus estudos... E eu não posso decepcioná-lo de jeito nenhum!

HUGO E TERESA - Se eu não gostar de direito mudo para outro curso, não tem problema. O que eu preciso agora é passar no vestibular. (OLHAM O RELÓGIO) Droga, vou me atrasar de novo!!!

HUGO E TERESA APRESSADOS ENCONTRAM-SE NA ENTRADA DA SALA DE AULA.

HUGO - (PARA TERESA) Estamos atrasados.

TERESA - Outra vez.

SOM DE UMA VOZ DE MULHER EM OFF, LER UM CAPITULO DE HISTÓRIA, HUGO E TERESA COM CARA DE SONO SE AJEITAM NA CADEIRA E BOCEJAM.

VOZ EM OFF - ... E a revolução Francesa ocasionou... BLÁ, BLÁ, BLÁ... BLÁ, BLÁ, BLÁ... BLÁ, BLÁ, BLÁ... (CONTINUA O BLÁ, BLÁ, BLÁ, AO FUNDO.)

HUGO - Essa aula está um saco, mas pelo menos a professora é uma coroa bonita, eu já tive cada sonho com ela, esses sonhos eróticos que nunca vão acontecer... No fim da aula quando todo mundo já foi embora, eu todo charmoso vou tirar uma dúvida, ela já toda excitada se propõe a me atender, eu a agarro e nós transamos ali mesmo na mesa dela... Calma, Hugo, você veio para estudar e aprender história, não para pensar em sacanagem.

TERESA - Que aula chata... agora eu gostaria de estar ensaiando um espetáculo, gravando uma novela ou filme, seria tão bom ser famosa, dar entrevista, ter minha foto nas capas de revistas. Já pensou dar autografo pra esse pessoal todo aqui do cursinho. Eu tenho certeza que todo mundo ia ter orgulho em me conhecer. Estou até vendo a Carla Cristina ligando para todo mundo dizendo com maior orgulho que é amiga da Teresa Martins... Teresa Martins?... Eu tenho que escolher o meu nome artístico, Teresa Martins é muito simples...

SOM DO SINAL DE SAÍDA DO CURSINHO

HUGO E TERESA - Até que em fim!!! (SAEM APRESSADOS.)

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA EM FRENTE A LIVROS ESTUDANDO.

HUGO E TERESA - O vestibular é amanhã.

HUGO - Eu não sei se vou conseguir, é muita coisa para saber. Vou entrar em curto circuito.

TERESA - Se vou estudar direito, para que preciso saber química? Ai meu Deus, eu estudei tanto, estudei a minha vida inteira para me dar bem amanhã, e ainda não me sinto preparada.

HUGO - Os meus pais estão muito nervosos, parece que são eles que vão fazer o vestibular, se não passar vão ficar mais tristes do que eu.

TERESA - Não sei se estou fazendo vestibular por mim ou pelos meus pais, aliás sei sim, é para realizar o sonho deles de ter uma filha doutora, mas eles merecem esse sacrifício.

HUGO - São mais de quarenta por vaga, e o pior que na faculdade pública, que deveria ser para os pobres, a maioria das vagas vão para os riquinhos.

TERESA - Se eu não passar para faculdade pública eles disseram que vão ter que pagar uma faculdade particular. Vão gastar um dinheirão por mês.

HUGO e TERESA - Eu não posso pensar em não passar.

HUGO - O que eu vou dizer para minha mãe?

TERESA - O que eu vou dizer para o meu pai?

HUGO - E para os meus tios e tias?

TERESA - E para os meus professores e amigos?

HUGO E TERESA - Eles vão me achar incapaz, ou pior, achar que eu não estudei o suficiente. Eu tenho que passar. Por mim e por toda a sociedade que me pressiona.

HUGO E TERESA NO VESTIBULAR. SUPERNERVOSOS COM A PROVA NA FRENTE. ESPERANDO O SINAL PARA COMEÇAR.

HUGO E TERESA - Vestibular, aqui estou eu!!

HUGO - Já fiz uma promessa, se eu passar fico um mês sem pensar em sexo.

TERESA - Se eu passar eu prometo que não fico com nenhum menino por um ano, não, por um... uma semana.

SOM DO SINAL PARA INÍCIO DA PROVA. AO SINAL HUGO E TERESA ABREM A PROVA E COMEÇAM A FICAR APAVORADOS.

HUGO - Meu deus, eu não sei nada... acho que essa é letra "a", ou será letra "e"?

TERESA - (CANTAROLANDO) o-es-co-lhi-do foi vo-cê, letra "b".

HUGO E TERESA - Acho que vou me dar mal.

HUGO - Parece que escolheram justamente as perguntas que eu não estudei!

TERESA - O que é isso, gente? Essa prova só pode estar em outra língua.

HUGO E TERESA - Só tenho certeza de uma coisa... vou levar bomba no vestibular.

CENAS PARALELAS. SOM DE VOZES EM OFF. PERGUNTAM COMO HUGO E TERESA SE SAÍRAM NO VESTIBULAR.

VOZ EM OFF - E aí filho. Como foi?

HUGO - Eu estava muito nervoso, mas consegui me sair razoavelmente bem...

VOZ EM OFF - Conta filha. Se saiu bem?

TERESA - Apesar de estar muito nervosa, eu acho que vai dar para passar.

VOZ EM OFF - Inteligente como é, claro que vai passar.

HUGO - Vocês sabem, prova de múltipla escolha é sempre muito confusa, tem que ter um pouco de sorte também.

VOZ EM OFF - Tenho certeza que você entra para a faculdade.

TERESA - É. Se eu não entrar agora, no segundo semestre eu entro, ou então na reclassificação.

VOZ EM OFF - Estamos muito orgulhosos.

HUGO - Calma. Vamos esperar o resultado... vocês sabem... o vestibular parece que foi feito para confundir a cabeça da gente.

VOZ EM OFF - Estamos muito orgulhosos de você.

TERESA - Calma. Vamos esperar o resultado... Vocês sabem... parece que as provas são feitas para você não passar.

HUGO E TERESA - (COMPLETAMENTE CONFUSOS) Mas não se preocupem, eu tenho certeza que devo ter passado... bem... eu acho que passei com certeza.

HUGO - Daqui a alguns anos eu vou estar recebendo o diploma de advogado, como o senhor sempre sonhou, papai.

TERESA - Fiquem tranqüilos que vocês terão a filha doutora de vocês, pode começar a falar para suas amigas, mamãe.

HUGO E TERESA - (DESANIMADOS) Vou defender os inocentes prender os culpados, enfim, fazer justiça... tudo que eu sempre quis. (SUSSURRANDO) Tudo que vocês sempre quiseram.

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA CADA UM EM SEU QUARTO.

HUGO E TERESA - (GRITANDO) Tudo o que vocês sempre quiseram!!

HUGO - O que eu queria era ser um grande Físico.

TERESA - Eu quero é ser uma grande atriz.

HUGO E TERESA - Mas o que eu quero não interessa, o que importa é o que vocês querem... é o melhor para o meu futuro.

TERESA - O meu sonho não conta!



HUGO - O meu sonho não importa!

HUGO E TERESA - O que importa agora é passar no vestibular... para direito.

SOM DE BURBURINHO DE JOVENS. HUGO E TERESA EM FRENTE À LISTA DOS APROVADOS NO VESTIBULAR.

HUGO E TERESA - Não passei... e agora?... Eu não passei.

HUGO - (PARA TERESA) E aí. Conseguiu passar?

TERESA - Não... e você?

HUGO - Também não.

TERESA - (ATÔNITA) Eu não sei como falar para os meus pais.

HUGO - (ATÔNITO) Nem eu. Eles vão ficar arrasados.

TERESA - Eu vou ter que entrar para uma faculdade particular pra não perder o ano.

HUGO - Eu também... o vestibular da faculdade particular é bem mais fácil.

TERESA - É verdade. Até analfabeto passa... Só que meu pai vai gastar um dinheirão.

HUGO - Meu pai vai ficar todo endividado. Eu vou ter que arrumar um trabalho qualquer para ajudar a pagar.

RÁPIDO SILÊNCIO

TERESA - Então... boa sorte. Qual seu nome mesmo?

HUGO - Hugo... e o seu?

TERESA - Teresa.

HUGO - Boa sorte, Teresa.

CENAS PARALELAS

HUGO E TERESA - Agora tenho que enfrentar o problema de frente.

TERESA - Não é o fim do mundo... eu não passei... Mas não é o fim do mundo...

HUGO - Os meus pais vão gastar um dinheirão com a faculdade particular, mas não é o fim do mundo.

HUGO E TERESA - Pelo menos eles vão ter como pagar, pior se não tivessem... ou seria... melhor... se não tivessem... (SORRINDO) Melhor mesmo é que eu não vou ter que cumprir a promessa que fiz!!!

HUGO E TERESA CHEGANDO NA FACULDADE PARTICULAR. ELES NÃO SE VIRAM.

HUGO E TERESA - Eu odeio o primeiro dia de aula!!

HUGO - Me sinto um peixe fora d'água.

TERESA - Parece que todo mundo está me olhando.

HUGO E TERESA - E o trote? Será que é hoje?

HUGO - Eu não vou sair todo pintado pedindo dinheiro por aí... mas não vou mesmo.

TERESA - Imagina que vergonha ficar no sinal pedindo dinheiro igual a um menino de rua... de jeito nenhum.

HUGO E TERESA - O trote deveria ser proibido.

HUGO - Mas pelo menos serve para me entrosar com os outros...

TERESA - E depois tem a chopada...

HUGO E TERESA - É... talvez valha a pena.

HUGO - Até que as meninas aqui da sala são bonitinhas.

TERESA - Até que tem uns gatinhos na sala.

HUGO E TERESA SE VÊM

TERESA - Oi! Que coincidência, somos da mesma sala.

HUGO - É, da mesma faculdade e da mesma sala.

TERESA - Qual é o seu nome mesmo?

HUGO - É Hugo. E o seu é... (SORRI.)

TERESA - Teresa. (SORRI.)

ELES NÃO SE DÃO MUITA ATENÇÃO. CADA UM VIRA PARA UM LADO.

TERESA - É muito chato não conhecer ninguém, ter que puxar assunto, ser simpática.

HUGO - Não vejo a hora de fazer um grupinho. É incrível, um monte de gente e eu aqui me sentindo tão sozinho.

SOM DE UMA VOZ EM OFF QUE COMEÇA A AULA. HUGO E TERESA COMEÇAM A FICAR INCOMODADOS.

VOZ EM OFF - Antes de começar a aula, vamos conversar um pouco sobre a importância da profissão que vocês escolheram... BLÁ, BLÁ, BLÁ... BLÁ, BLÁ, BLÁ... BLÁ, BLÁ, BLÁ...

HUGO E TERESA - É... realmente... acho que direito não é a minha... Mas pelo menos não tenho mais que pensar em vestibular... posso pensar em coisas mais importantes... Namorar, por exemplo.

CENAS SIMULTÂNEAS. HUGO ESTÁ EM UM CANTO DO PALCO (SEU QUARTO) OBSERVANDO-SE NO ESPELHO, TERESA ESTÁ DO OUTRO LADO DO PALCO (SEU QUARTO) TAMBÉM OBSERVANDO-SE

HUGO - (OBSERVANDO-SE) Estou precisando engordar, ficar sarado. Estou muito magro.

TERESA - (OBSERVANDO-SE) Estou precisando emagrecer, ficar sarada. Estou engordando.

HUGO - Assim ela nunca vai me notar.

TERESA - Assim ele nunca vai me notar.

HUGO - É impressionante como a gente nunca está satisfeito como é, eu por exemplo detesto os meus dentes e tem gente que diz que são lindos... são muito grandes, tinha que usar aparelho.

TERESA - É impressionante como a gente nunca está satisfeito como é, eu por exemplo detesto o meu cabelo e tem gente que diz que ele é lindo... é cheio demais, acho horrível.

HUGO E TERESA - Acham lindo porque não é deles, se fosse também não gostariam.

TERESA E HUGO - Droga, com que roupa eu vou à festa? (PROCURAM UMA ROUPA)

HUGO - Hoje eu conheci uma menina, ela é perfeita... pra falar a verdade, eu já conhecia, mas nunca tinha reparado nela, estava bem perto e eu nunca tinha dado importância não sei por que hoje ela me chamou atenção... foi na faculdade... parecia mais cena de filme...

LEMBRANÇA DO ENCONTRO NA VERSÃO DE HUGO. TERESA ESTÁ ANDANDO APRESSADA EM DIREÇÃO OPOSTA A DELE. ESBARRAM-SE. ELA DEIXA CAIR O CADERNO E FOLHAS QUE LEVAVA. ELE, ATRAPALHADO, AJUDA A CATAR. ELA, CHEIA DE CLASSE, TAMBÉM CATA. OS DOIS OLHAM-SE.

HUGO - (PENSANDO) Ela é linda... que jeito de decidida (PARA TERESA) Desculpe! Eu estava distraído. (PENSANDO) Ela deve estar me achando um idiota.

TERESA - Eu é que estava apressada. Tenho que resolver várias coisas antes de ir à festa da Carla Cristina. Você vai?

HUGO - Na festa da Carla Cristina? (PENSANDO) É mesmo. Nem me lembrava. (PARA TERESA) É claro que vou. (PENSANDO) Só porque você vai.

TERESA - Então, até mais tarde, Hugo.

HUGO - (PENSANDO) Ela sabe meu nome (PARA TERESA) Até mais tarde, Teresa.

TERESA, DE VOLTA AO QUARTO

TERESA - Hoje eu conheci um menino. Gentil, simpático... pra falar a verdade, eu já conhecia, mas nunca tinha reparado nele, estava bem perto e nunca tinha dado importância, não sei por que hoje ele me chamou atenção... foi na faculdade... parecia mais cena de filme...

LEMBRANÇA DO ENCONTRO NA VERSÃO DE TERESA. HUGO ESTÁ ANDANDO DISTRAÍDO EM DIREÇÃO OPOSTA A DELA. ESBARRAM-SE. ELA DEIXA CAIR O CADERNO E FOLHAS QUE LEVAVA. ELE, CHEIO DE CLASSE, AJUDA A CATAR. ELA, SUPER

ATRAPALHADA, TAMBÉM CATA, OS DOIS OLHAM-SE.

TERESA - (PENSANDO) Que gracinha.

HUGO - Desculpe! Eu estava distraído.

TERESA - Eu é que estava apressada. (PENSANDO) Ele deve estar me achando uma idiota. (PARA HUGO) Tenho que resolver várias coisas antes de ir à festa da Carla Cristina, você vai? (PENSANDO) Diz que sim!!

HUGO - Na festa da Carla Cristina?... É claro que vou.

TERESA - (PENSANDO) Não posso parecer oferecida. (PARA HUGO) Então até mais tarde, Hugo.

HUGO - Até mais tarde, Teresa

TERESA - (PENSANDO) Ele sabe meu nome, já é meio caminho andado!!

HUGO DE VOLTA AO QUARTO

HUGO - Devia ter cortado o cabelo... já não sou bonito... desse jeito então ela vai me achar horrível... o que é isso, Hugo? Ela tem que gostar de você do jeito que você é... eu odeio essas frases feitas... ela tem que gostar de mim, nem que eu tenha que fazer plástica!

TERESA - Devia ter comprado uma roupa nova... desse jeito ele vai me achar horrível... ah! O importante é o meu interior e não a minha aparência... é, mas hoje o importante é eu estar maravilhosa!

HUGO NO QUARTO

HUGO - Como eu vou chegar nela... sou péssimo nisso... detesto essa obrigação de ter que cantar as mulheres... Adoro as mulheres modernas, que chegam e tomam a iniciativa... acho que se não fossem elas eu seria virgem até hoje... Já faz tanto tempo que não namoro, que acho que desaprendi... Que ninguém me escute, porque homem tem que inventar, tem que comer uma toda semana... se ficar muito tempo sem mulher... começam logo a dizer que é bicha... as mulheres são as primeiras. Outro dia uma menina da faculdade estava me dando mole, mas não me interessei, até que ela era bonitinha, mas era muito burra... resultado, ela saiu inventando pra todo mundo que eu era gay... As mulheres podem escolher a dedo, a gente não pode, tem que pegar a primeira que der mole. Eu não sou assim, transar com qualquer uma só por transar? É mais simples e menos arriscado me masturbar.

TERESA NO SEU QUARTO

TERESA - Eu tenho certeza que o Hugo vai querer ficar comigo hoje... eu não posso demonstrar que estou a fim... mas ele tem jeito de ser tímido e se não tiver coragem de chegar... detesto ter que esperar os homens tomarem a iniciativa, por mim eu chegava logo e dizia que estava interessada... mas vão logo dizer que

sou piranha... ele mesmo iria estranhar, me achar muito atirada... mulher tem que se fazer de difícil... os homens são muito machistas. Podem ficar com quantas quiserem, as mulheres não... ficam logo mal faladas... ano passado começaram a falar mal de mim só porque o safado do meu ex-namorado saiu espalhando que eu transei com ele no primeiro encontro... eu gostava dele... estava com vontade, qual é o problema?

COLOCAM UM ÚLTIMO ACESSÓRIO (QUALQUER UM).

HUGO E TERESA - (JUNTOS) Pronto, seja o que Deus quiser!

SOM DE MÚSICA BEM ANIMADA. HUGO E TERESA ESTÃO NA FESTA, MAS AINDA NÃO SE VIRAM. PROCURAM UM AO OUTRO DISFARÇADAMENTE.

HUGO - Agora tenho que mostrar que estou me divertindo.

TERESA - Não posso ficar parada; devo sempre mexer alguma parte do corpo.

HUGO - Cumprimentar a todos... mesmo sem conhecer... e olhar a bunda de todas as mulheres.

TERESA - E sempre sorrir, sorrir sem parar.

HUGO - Será que ela não vem?

TERESA - Será que ele não vem?

OS DOIS SE VÊEM. SOM DE UMA BATIDA DE CORAÇÃO PULSANTE TOMA O LUGAR DA MÚSICA. HUGO, MEIO SEM JEITO, CHEGA EM TERESA E COM UM GESTO A CHAMA PARA DANÇAR. A MÚSICA ANIMADA VOLTA, ELES DANÇAM.

HUGO - (PENSANDO) O mais difícil eu já fiz... agora tenho que puxar assunto (PARA TERESA). Você veio sozinha?

TERESA - (PENSANDO) Não posso me rebaixar. (PARA HUGO) Não. Vim com um amigo que é super a fim de mim.

HUGO PÁRA DE DANÇAR DECEPCIONADO E SE AFASTA DE TERESA.

TERESA - (PENSANDO) Droga, por isso que eu não gosto de mentir... ah! Dane-se o que vão pensar. (VAI ATÉ HUGO) Ele é a fim de mim, mas eu estou interessada em uma outra pessoa... Você.

HUGO - (PENSANDO) Oba!! Ela é das modernas.

HUGO E TERESA SE OLHAM APAIXONADAMENTE. UMA MÚSICA ROMÂNTICA COMEÇA A TOCAR. OS DOIS DANÇAM E SE BEIJAM.

LUZ EM UM BUQUÊ DE FLORES NO CENTRO DO PALCO. HUGO ESCRREVENDO UM CARTÃO EM UM CANTO DO PALCO (SEU QUARTO) AO MESMO TEMPO EM QUE TERESA LÊ EM VOZ ALTA O MESMO CARTÃO, NO OUTRO CANTO (SEU QUARTO).

HUGO E TERESA - Enamorar, apaixonar-se, deixar-se possuir de

amor, é assim que eu me sinto... um enamorado, apaixonado, possuído de amor por você... do seu Hugo.

TERESA NO QUARTO

TERESA - Aconteceu... Foi lindo, romântico. Ele é muito carinhoso... eu queria que a minha primeira vez tivesse sido ontem... o Hugo estava supernervoso, parecia que era a primeira vez dele, eu que tive que lembrar da camisinha (SORRI). Eu tentei deixá-lo à vontade, mas sem parecer muito experiente, para não pegar mal. Hoje ele me mandou flores, eu nunca tinha recebido flores antes... e junto veio um cartão lindo... (OLHA PARA O CARTÃO). Estamos enamorados.

HUGO NO QUARTO

HUGO - Aconteceu... Foi a melhor transa da minha vida... tenho a impressão que nasci pra fazer amor... eu fiquei nervoso, mas consegui disfarçar. A Teresa me deixou super à vontade, ela parece ter mais experiência do que eu. (SORRI) Mas o que importa é que estou apaixonado, ou como dizia meu avô, enamorado. Hoje eu fiz uma coisa que pensava que nunca ia fazer, por achar ridículo... Mandei flores com um cartão super-romântico... se os apaixonados são ridículos, eu sou um ridículo.

HUGO E TERESA - Como é bom namorar e beijar na boca, fazer amor e beijar na boca, ter alguém para dividir tudo e beijar na boca, passear e beijar na boca.... Até que comecem as brigas.

HUGO - Por qualquer bobagem

TERESA - Por qualquer coisa.

HUGO - (PARA TERESA) Eu posso saber o que você estava falando com Ele?

TERESA - Eu é que gostaria de saber o que você estava falando com Ela.

HUGO - Eu não tenho que te dar satisfação.

TERESA - Muito menos eu. É sempre assim essa discussão por qualquer bobagem.

HUGO - Ah, então o nosso namoro é qualquer bobagem?

TERESA - Eu não disse isso.

HUGO - Você que sempre briga por qualquer coisa.

TERESA - Ah! Então o nosso namoro é qualquer coisa?

HUGO - Eu não falei isso.

HUGO E TERESA - Eu acho melhor a gente terminar... se você prefere assim.

HUGO E TERESA SENTADOS CADA UM EM SEU QUARTO.

HUGO E TERESA - (TRISTES) Estou sentindo um vazio tão grande aqui dentro... (FELIZES) Parece que um peso saiu das

minhas costas... Estou livre.

TERESA - Foi melhor mesmo terminar, agora não tenho mais que ligar toda noite e ficar horas ao telefone, mesmo sem ter assunto.

HUGO - Foi melhor mesmo terminar, agora vou economizar um dinheirão, não tenho mais que pagar cinema, lanche...

TERESA E HUGO - Agora tenho o fim de semana livre para fazer o que quiser.

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA, CADA UM EM SEU QUARTO.

HUGO - Ontem eu fiquei com aquela bonitinha burrinha que tava me dando mole, cansei de ser romântico. Agora eu quero aproveitar a vida.

TERESA - Ontem eu encontrei aquele amigo que é super a fim de mim e nós ficamos, não estou apaixonada por ele, mas foi bom pra passar o tempo.

SOM DE TELEFONE. TERESA E HUGO ATENDEM.

TERESA E HUGO - Alô! Oi... Aé... Não, nós já terminamos, faz quase um mês... Tá bom. Agora eu tenho que desligar, tchau! (DESLIGAM.)

TERESA - (TRISTE) Era a Carla Cristina, disse que viu o Hugo beijando Ela.

HUGO - (TRISTE) Era o Nelson, disse que viu a Teresa beijando Ele.

HUGO E TERESA - Eu vou me matar!!

TERESA - Ele vai ficar culpado o resto da vida e nunca mais vai namorar ninguém.

HUGO - Ela nunca mais vai esquecer o homem que se matou por causa dela.

TERESA - Não! Eu vou matar ele, um ótimo final de uma peça de teatro, uma verdadeira tragédia grega.

HUGO - Não! Eu vou matar ela. Amanhã mesmo vai estar nas primeiras páginas dos jornais: "Namorado ciumento mata namorada vagabunda."

HUGO E TERESA - Nada disso!! Eu quero um final feliz, bem romântico, como fim de novela.

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE. MÚSICA ROMÂNTICA.

HUGO - Eu queria te pedir desculpas...

TERESA - Eu é que tenho que me desculpar...

HUGO E TERESA - Eu... eu... amo você.

A MÚSICA AUMENTA. ELES SE ABRAÇAM.

TERESA - Vamos fazer um pacto de amor.

HUGO - Pacto de amor?

TERESA - É. Vamos jurar que nunca vamos deixar de nos amar.

HUGO - Vamos nos amar pra sempre.

TERESA - Mesmo que eu fique feia e gorda.

HUGO - Mesmo quando eu estiver um velho chato e ranzinza.

TERESA E HUGO - Nunca vamos deixar o nosso amor morrer.

CENA COREOGRAFADA DE HUGO E TERESA TRANSANDO.

CENAS PARALELAS.

HUGO E TERESA - Como a gente fica bobo quando esta apaixonado... Eu estou amando.

TERESA - Estou no céu.

HUGO - Parece que estou flutuando.

TERESA - O Hugo é o homem da minha vida.

HUGO - Eu não consigo mais me imaginar sem a Teresa.

TERESA - É muito bom fazer amor com ele.

HUGO - É bom demais transar com ela.

TERESA E HUGO - (ASSUSTADOS) Ih!! Esqueci de usar camisinha...

HUGO - (PREOCUPADO) E se eu pegar uma doença? Não, a minha amada não tem doença nenhuma. Eu confio nela.

TERESA - (PREOCUPADA) E se eu pegar uma doença? Não, o meu amado não tem doença nenhuma, eu confio nele.

HUGO - Droga! Tanto que escuto falar... mas na hora da empolgação adeus razão, só a cabeça de baixo pensa... Agora eu fico com essa preocupação boba. É claro que a Teresa não tem Aids.

TERESA - Eu que me gabo tanto de ser informada, desde a minha primeira vez nunca transei sem camisinha, e hoje foi tanto amor que nem me passou pela cabeça... Mas pra que me preocupar? É claro que o Hugo não tem Aids.

HUGO - Mas... e se ela ficar...

TERESA - Mas... e se eu ficar...

HUGO E TERESA - Grávida!!

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE

TERESA - É, Hugo, eu estou grávida.

HUGO - Não pode ser, Teresa, como você deixou isso acontecer?

TERESA - Eu não. Nós. Como nós deixamos isso acontecer.

HUGO - Desculpe, eu estou muito nervoso. Nós somos muito novos para ter um filho.

TERESA - Eu sei...

HUGO - Agora não adianta a gente reclamar.

TERESA E HUGO - Temos que pensar no que fazer.

CENAS PARALELAS.

HUGO - Eu... Hugo... Papai.

TERESA - Eu... Teresa... Mamãe.

HUGO - É muita responsabilidade. Tem que educar, sustentar, levar para a escola. É muita responsabilidade, eu sou muito novo.

TERESA - É muita responsabilidade, esperar nove meses, a barriga vai crescer, tem a dor do parto, depois amamentar, levar ao médico. É muita responsabilidade. Eu sou muito nova.

HUGO E TERESA - Tudo por causa de um esquecimento bobo. Eu nunca mais vou ter sossego... Filho é para a vida inteira.

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE.

HUGO - Tomou alguma decisão ?

TERESA - Decisão ?

HUGO - É. Sobre o nosso problema.

TERESA - Nosso problema. O nosso filho? Você acha melhor eu não ter, não é?

HUGO - Nós somos muito novos.

TERESA - Sim, nós somos muito novos.

HUGO - O que os nossos pais vão dizer?

TERESA - É claro. O que os nossos pais vão dizer?

HUGO - E a faculdade?

TERESA - E o nosso futuro?

HUGO - Talvez o melhor seja tirar mesmo.

TERESA - Talvez o melhor seja abortar o nosso problema.

CENAS PARALELAS.

HUGO - Ah!! Como eu queria fugir, sumir.

TERESA - Nestas horas me dá vontade de tomar um porre e esquecer do mundo. Fingir que nada de importante acontece à minha volta.

HUGO - Nestas horas me dá vontade de deixar de ser careta e me drogar... entrar numa onda sem fim e esquecer de tudo.

HUGO E TERESA - Mas não vai adiantar, os problemas vão continuar lá... me esperando...

HUGO - Pacientemente...

TERESA - Insistentemente...

TERESA E HUGO - Irritantemente!

HUGO - O nascimento de um filho não deveria nunca ser motivo de tristeza.

TERESA - Ter um filho não podia me deixar tão angustiada.

HUGO E TERESA - O que vão dizer? De novo eu estou pensando no que os outros vão pensar.

HUGO - Meus pais vão me dar uma bronca, me chamar de irresponsável.

TERESA - Meus pais vão ter um choque, eles ainda devem pensar que sou virgem.

HUGO - Nunca pensei que chamaria o meu filho de problema... pelo menos eu vou ganhar um filho, poderia muito bem ter ganho uma doença... que coisa horrível de dizer.

TERESA - Eu que sempre quis ser mãe. Quando era criança não via a hora de poder ter o meu filhinho, cuidar dele, colocar para dormir.

HUGO - Eu que sempre quis ser pai. Pegar o meu filho no colo, dizer... Vem cá, filhão... vem dar um abraço no papai... eu sempre quis um menino, pra jogar bola, falar sobre as namoradas.

TERESA - Mas não podia ser assim por acidente.

HUGO - Mas não podia ser assim sem planejar.

TERESA - Agora o meu filho está aqui, e eu pensando em tirar.

HUGO - Agora ele já existe, e eu acho melhor que ele não nasça.

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE.

TERESA - Você tem razão, Hugo, o melhor é fazer o aborto mesmo.

HUGO - Nós vamos ter outros filhos, você vai ver.

TERESA - É claro.

HUGO - Aí nós vamos ter planejado, já vamos estar formados, trabalhando e casados.

TERESA - É claro, Hugo.

HUGO VAI ABRAÇAR TERESA E ELA SE AFASTA.

CENAS PARALELAS.

TERESA - Não era isso que eu queria ouvir.

HUGO - Não era isso que eu queria dizer.

TERESA - O meu Hugo tinha que dizer... Não, Teresa, não tira o nosso filho... E me abraçar, dizer que me amava... que estava muito feliz, e que enfrentaria tudo pelo nosso amor.

HUGO - Eu fui muito covarde, o certo era assumir o meu filho, dizer... Não, Teresa, não tira o nosso filho... E deixar de pensar no que os outros iam achar... se meus pais não aceitassem, eu arrumaria um emprego e sustentaria meu filho e minha mulher sozinho... minha mulher? Como eu vou olhar para minha mulher, agora? Como vou encarar a Teresa?

TERESA - É impressionante como aqui dentro de mim tudo mudou. Eu entendo as razões do Hugo, até concordo, mas não era o que eu queria ouvir.

HUGO - Eu estou tão envergonhado. Ela me entendeu, me deu razão, mas não era o que eu queria dizer.

TERESA - De uma hora para outra, o meu príncipe virou sapo.

HUGO - Eu que deveria ser o mocinho, acabei me transformando no vilão da nossa história.

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE.

TERESA - Você não me procurou mais, Hugo.

HUGO FICA EM SILÊNCIO.

TERESA - Eu vim me despedir, vou com meus pais pra outra cidade.

HUGO - Mas e a faculdade?

TERESA - Direito não era o que eu queria mesmo, quem sabe agora eu não corra atrás do meu sonho de ser atriz.

HUGO - Mas... e o nosso problema.

TERESA - O nosso problema não existe mais, eu fiz o combinado.

SILÊNCIO

HUGO - Mas e a gente?

TERESA FICA EM SILÊNCIO. ABRAÇAM-SE E AFASTAM-SE LENTAMENTE.

CENAS PARALELAS. HUGO E TERESA ESTÃO NO QUARTO. SOM DE UMA TEMPESTADE DO LADO DE FORA, OS DOIS MOSTRAM SOFRIMENTO COMO SE A TEMPESTADE FOSSE DENTRO DELES. LOGO EM SEGUIDA ESCUTA-SE O SOM DO FIM DA CHUVA E PERCEBE-SE O SOL APARECENDO.

HUGO E TERESA - Depois da tempestade a bonança... Bola pra frente... Começar de novo... amanhã será um novo dia.

HUGO - Vou cair de cabeça nos estudos, vou me formar e serei o melhor advogado do Brasil, como os meus pais sempre sonharam.

TERESA - Chega de pensar nos outros, eu vou realizar os meus sonhos, vou ser uma grande artista, uma atriz... uma das melhores.

HUGO - Eu vou conseguir esquecer a Teresa.

TERESA - Eu tenho que esquecer o Hugo.

HUGO E TERESA - O amor passa, não é pra sempre... Eu espero que não seja... Bola pra frente... Começar de novo... Amanhã será um novo dia.

PASSAGEM DE TEMPO. CENAS PARALELAS. MÚSICA PASSAGEM DE TEMPO. (HUGO E TERESA CANTAM. MÚSICA ESTILO PAGODE, BAIXO ASTRAL.)

**Tempo me faz o favor  
Vem agora rápido  
Tempo me faz esquecer  
Quem fez o rapto  
Do meu coração, da minha alma  
Da minha boca, do meu corpo  
Da minha calma, da minha razão  
Tempo leva com você minha paixão.**

(CENA)

HUGO E TERESA - Pagode. O que eu sinto se resume a um pagode? Eu não acredito.

(MÚSICA ESTILO POP ROCK)

**Se apressa tempo  
Me faz esquecer  
Por favor  
O que é inesquecível  
Depressa tempo  
Leva com você  
Meu amor  
O mais rápido possível**

(TRECHOS DE MÚSICAS CONHECIDAS SE MISTURAM À LETRA)

**Passa tempo  
Depressa, passa  
Tempo passa  
Que tenho pressa.**

CENA DE HUGO

HUGO - Hoje é um grande dia, dia da minha formatura, a minha família inteira vai estar presente, os meus pais estão explodindo de tanto orgulho. Eu também estou muito orgulhoso de mim: apesar de tudo consegui me formar.

(MÚSICA)

**Passa tempo  
Depressa, passa  
Tempo passa  
Que tenho pressa.**

CENA TERESA

VOZ EM OFF DIZENDO QUE TERESA FOI REPROVADA NO TESTE DE TEATRO QUE FEZ.

VOZ EM OFF - Sinto muito, mas você não tem o perfil da personagem... em outra oportunidade entraremos em contato.

TERESA - Não pode ser, tudo está dando errado, estou começando a achar que eu não sirvo pra atriz, talvez os meus pais tenham razão... o pior é ouvir eles dizerem... Eu avisei... Não foi por falta de aviso.

(MÚSICA)

**Passa tempo  
Depressa, passa  
Tempo passa  
Que tenho pressa.**

CENA HUGO

VOZ EM OFF DIZENDO QUE O CURRÍCULO DE HUGO NÃO FOI APROVADO PARA O EMPREGO.

VOZ EM OFF - Sinto muito, mas a vaga já foi preenchida, precisávamos de uma pessoa com mais experiência.

HUGO - Não pode ser. Tudo está dando errado. Tanto tempo na faculdade e agora não consigo emprego, sempre o mesmo assunto de falta de experiência, nem estágio me dão... como vou ter experiência se não me dão trabalho?

(MÚSICA)

**Passa tempo  
Depressa, passa  
Tempo passa  
Que tenho pressa.**

CENA TERESA

TERESA - Consegui!! Consegui!! Hoje é um grande dia. Passei no teste. Parece que tudo está dando certo. Ontem assinei contrato para estrear na televisão e hoje passo para essa peça de teatro. A minha carreira agora está deslançando finalmente.

(MÚSICA)

**Passa tempo  
Depressa, passa  
Tempo passa  
Que tenho pressa.**

TERESA APRESENTANDO-SE NUMA PEÇA DE TEATRO. ELA INTERPRETA COM MAESTRIA O TEXTO FINAL DO SEU ESPETÁCULO. HUGO ASSISTE.

TERESA - (ATUANDO)

**Quem ainda vive, não diga: jamais!**

O certo não está certo

Assim, como está, não ficará.

Quando os opressores tiverem falado

Hão de falar os oprimidos.

Quem ousa dizer: Jamais.

Se a opressão permanece a quem se deve?

A nós.

A quem se deve se for esmagada?

A nós também.

Quem for derrubado, levante-se!

Quem estiver perdido, lute ainda!

Quem conhece a situação,

Por que ficará parado?

Pois os vencidos de hoje,

São os vencedores de amanhã.

E o jamais se tornará: Já.

SOM DE APLAUSOS. AO FIM DO TEXTO HUGO APLAUDE DE PÉ.

TERESA NO CAMARIM. HUGO ENTRA COM UM BUQUÊ DE FLORES IGUAL AO QUE DEU A ELA NO INÍCIO DO NAMORO. QUANDO SE VÊEM FAZEM UM SILÊNCIO MORTAL.

HUGO - (SEM JEITO) Parabéns. Eu gostei muito.

TERESA - Obrigada. (SEM JEITO, PUXANDO ASSUNTO) E você, o que tem feito esse tempo todo? Se formou?

HUGO - Sim, mas não dei certo como advogado e abri uma floricultura com um amigo da faculdade. Agora eu sou um advogado que vende flores. (RI TIMIDAMENTE. TERESA O ACOMPANHA NA RISADA) Certo fez você... Hoje é uma grande atriz como sempre sonhou.

TERESA - Mas você ainda é novo, dá até para fazer outra faculdade, a de Física por exemplo, como você sempre quis.

HUGO - "Pra toda ação uma reação" (SORRI). É, quem sabe?

(SILÊNCIO)

TERESA - Essas flores são para mim?

HUGO - É claro... bem... eu já vou indo... parabéns novamente.

TERESA - Obrigada.

CENAS PARALELAS

HUGO E TERESA - Tanta coisa para dizer, e eu não consegui falar nada.

TERESA - Como eu esperei esse dia, e quando ele chega, eu não digo nada que planejei.

HUGO - Eu ensaiei tantas vezes o que ia dizer e não saiu.

TERESA - Por que a realidade é sempre tão triste?

HUGO - Por que as coisas nunca são do jeito que a gente quer?

TERESA E HUGO - O tempo passou, e agora tenho certeza que não esqueci.

LUZ NO BUQUÊ DE FLORES QUE ESTÁ NOVAMENTE NO CENTRO DO PALCO.

TERESA E HUGO - (LEMBRANDO DO CARTÃO DO INÍCIO DO NAMORO) Enamorar, apaixonar-se, deixar-se possuir de amor... É assim que me sinto, um enamorado, apaixonado, possuído de amor por você...

TERESA E HUGO - Não, eu não quero esse fim. Eu exijo um final feliz, bem romântico, como fim de novela.

HUGO E TERESA FRENTE A FRENTE.

TERESA - Lembra do nosso pacto?

HUGO - Claro... o nosso pacto de amor.

TERESA E HUGO - Nunca deixar o nosso amor morrer.

HUGO - Pena que não conseguimos cumprir. Pelo meu medo, por causa da minha covardia, eu perdi você. Eu juro, Teresa, juro que eu faria tudo diferente. Mas eu sei que é tarde... deixei o nosso amor morrer.

TERESA - O nosso amor não morreu, Hugo... ele é lindo. A cada dia cresce mais e fica mais forte... daqui a alguns dias vai fazer cinco aninhos... é um meninão e se chama Hugo como o pai dele.

HUGO - (FELIZ E ATÔNITO) O quê é? Então você...

TERESA - Eu não tive coragem de tirar o nosso filho.

HUGO - (ABRAÇANDO TERESA) Meu amor, é a melhor notícia que eu poderia ter recebido... me perdoe, Teresa! Eu...

(TERESA INTERROMPENDO. REPETINDO O PACTO DE AMOR QUE FIZERAM NO INÍCIO DO NAMORO)

TERESA - Nunca vamos deixar de nos amar.

HUGO - Vamos nos amar pra sempre.

TERESA - Mesmo que eu fique feia e gorda.

HUGO - Mesmo quando eu estiver um velho chato e ranzinza.

TERESA E HUGO - Nunca vamos deixar o nosso amor morrer.

BEIJAM-SE APAIXONADAMENTE.



# GUARDA UM BEIJO MEU

MÁRIO COSTA

CENÁRIO DE UMA CASA. UM APARTAMENTO DECORADO COMO SE FOSSE UM INUSITADO PARQUE DE DIVERSÃO, UMA MISTURA DE MODERNIDADE COM RESQUÍCIO DE INFANTILIDADE. HÁ UM ENORME MACACO NA DECORAÇÃO: MIKE.

MENINA ENTRA VESTIDA DE NOIVA COM GARRAFAS DE VINHO E ENSAIA UMA RECEPÇÃO PARA O SEU NOIVO. ELE ENTRA E TRANCA A PORTA... PÁRA ASSUSTADO.

MENINA - Como demorou. Pegou trânsito?

MENINO - Menina, o que você está fazendo aqui?

MENINA - Te esperando.

MENINO - O que é que se faz numa hora dessas, além de jogar o paletó no chão, chutar a cadeira e arremessar um vaso na cabeça dela?

MENINA - Cara! Parece que nunca me viu. Relaxa. Endireita a coluna, você tá ficando corcunda, menino.

MENINO - Eu deveria dar um soco na tua cara!

MENINA - Eu prefiro um beijo.

MENINO - (Vira-se para Mike) Ela tinha quinze anos quando nós começamos a namorar, eu ia fazer dezoito. Foi um tumulto, nunca imaginei que tirar carta de motorista poderia se transformar num problema tão grande. Os pais dela achavam que nós dois sozinhos, andando de carro, seria um prenúncio para o sexo prematuro. Andamos escoltados pelo irmão mais novo dela por três longos e exaustivos anos. Até que ela completou 18 anos...

MENINA - (Mostra o anel) Lembra? Do noivado.

MENINO - Talvez o aval tenha vindo daí, do anel, do noivado... foi nesse mesmo ano que decidimos que assim que eu terminasse a faculdade iríamos nos casar. Nesse ano. Hoje precisamente. Mas ela esqueceu e não foi... Mas do anel ela lembra!

MENINA - Toma.

MENINO - Sai da minha frente.

MENINA - Toma um vinho comigo.

MENINO - Eu vou embora.

MENINA - Assim...

MENINO - Então fala. O que é que você tá fazendo aqui? Perdeu a hora ou não sabia o endereço da igreja?

MENINA - Eu sei que você deve estar confuso, eu entendo...

MENINO - Que compreensiva...

MENINA - Juro. Eu até tentei decorar uma explicação enquanto te esperava, mas sabe como é a minha memória... Sei que não queria casar, é... (como se fosse a frase definitiva) vi que não queria e pronto!

MENINO - Absurdo.

MENINA - Eu?

MENINO - Como alguém com o mínimo de raciocínio lógico dentro do cérebro pode descobrir que não quer mais casar a poucos segundos do casamento e simplesmente desistir, assim, sem que haja um motivo, mesmo que absurdo?

MENINA - Acontece.

MENINO - Ela pode.

MENINA - Menino, me ajuda a abrir o vinho.

Ele, numa reação automática, vai ajudá-la. Ao abrir o vinho ela grita comemorando, ele a encara com ódio.

MENINA - Vamos comemorar!!! (percebendo a expressão dele) O golpe que demos no nosso destino... À surpresa!

MENINO - Eu te odeio neste momento. É isso. Podia bem te arrebentar a cara, num único golpe, "tipo sem querer"...

MENINA - (Foge pra janela) Tá um calor aqui...

MENINO - Por que não tira este vestido? Vai para alguma festa?

MENINA - Acho bonito, é diferente, queria sair assim hoje, dançar, jantar fora... Assim, de vestido de noiva e tênis.

MENINO - Para com isso.

MENINA - Você não teria coragem.

MENINO - Qual é? O que é que te deu?

MENINA - Nada. Estou feliz, só isso!

MENINO - Feliz? Como pode estar feliz?

MENINA - Acho que é o vinho. Quero mais!

MENINO - Quem é você?

MENINA - Sua menina.

MENINO - Não é, não. Está estranha, e olha que eu nem estou falando deste acidente nuclear que fez no cabelo... Você deve estar louca!

MENINA - Pode ser, toda filha de psicóloga é maluca!

MENINO - É isso! Você deve ter tomado uma pancada na cabeça e não se lembra. Um atropelamento sem maiores escoriações, mas com uma única e profunda ruptura no cérebro. Menina, você enlouqueceu!

MENINA - Ninguém enlouquece da noite pro dia, menino. Mudei, só isso.

MENINO - Ninguém muda da noite pro dia.

MENINA - Vai ver não foi da noite pro dia.

SILÊNCIO

MENINO - Acho que vou embora!

MENINA - Pra onde?

MENINO - Pra casa!

MENINA - Aqui é sua casa!

MENINO - E você?

MENINA - Eu o quê?

MENINO - Vai voltar pra casa da tua mãe?

MENINA - Claro que não, essa é a minha grande oportunidade de me livrar dela. Pensei que quisesse morar comigo.

MENINO - Eu queria me casar com você.

MENINA - Por que não toma um banho?

MENINO - Oi?

MENINA - É bom pra relaxar. Já tomei três hoje, não percebeu, até emagreci! A toalha está pendurada no box!

MENINO - Por que não toma o quarto?

MENINA - Entendi... tô te esperando lá...

(ELE FICA PARADO SOZINHO NA SALA)

MENINO - Isto não está acontecendo. Deve ser mais um daqueles pesadelos. Eu não tomei calmante para dormir hoje (PEGA O REMÉDIO, TOMA COM MAIS VINHO). Eu não sei se estou sendo radical, (MAIS UM REMÉDIO) só sei que a minha cabeça normal não consegue entender, (OUTRO COMPRIMIDO) nem aceitar. Ela nunca me disse nada. Foi ela mesma quem marcou a data,

escolheu a igreja e o coral de cem vozes! Ainda bem que ela não quis festa. Ela não quis festa! É isso, como não percebi? Ela já tinha planejado tudo, claro... por isso preferiu viajar de carro, "Conhecer o Brasil em quatro rodas". Já estava tudo armado, ou será outra coisa? (ACABA COM O VIDRO DO REMÉDIO.)

MENINA ENTRA, ABAIXA A LUZ, PÕE UMA MÚSICA SENSUAL E INSINUA-SE PARA ELE.

MENINA - Vai demorar?

MENINO - O que é que você está fazendo?

MENINA - Assiste, aprendi num curso para noivas psicodélicas

MENINO - Você ta bêbada.

MENINA - Sabe que vendo você assim, com tanta roupa, me sinto até meio sufocada.

MENINO - O que é que você vai fazer?

MENINA - Tem razão, este vestido não está mesmo combinando com a ocasião. (COMEÇA A SE DESPIR.)

MENINO - Pare com isso.

MENINA - Não quer me ver nua?

MENINO - Quantos litros já bebeu?

MENINA - Não me acha sexy? (VAI PRA CIMA DELE DECIDIDA.) Eu já não tenho quinze anos e meus pais me deixam andar sozinha de carro com você.

BEIJA-O. ELE SE DEIXA LEVAR, DEPOIS A AFASTA COM UM EMPURRÃO.

MENINA - O que é isso, menino?

MENINO - Desculpe, eu não queria fazer isso... Você também não precisava agir como uma putinha!

MENINA - É assim que elas fazem?

MENINO - O quê?

MENINA - As putas? Já saiu com uma, menino?

MENINO - Que conversa besta.

MENINA - Foi seu batizado? A primeira vez foi com uma?

MENINO - Olhe aqui...

MENINA - Você também a empurrou, ou deixou ela completar o serviço?

MENINO - Você bebeu.

MENINA - Deixou ela fazer tudo o que queria? Responde menino, quem é que tomou a iniciativa?

MENINO - Já te pedi desculpa, foi sem querer.

MENINA - Sabe, menino, toda mulher no fundo é uma puta! O que varia são as formas de pagamento.

ELA pega a chave dele e esconde. ELE vai para a porta.

MENINO - Você viu a minha chave da porta?

MENINA - Vi.

MENINO - E onde está?

MENINA - Joguei pela janela.

MENINO - Não acredito... (COMEÇA A REVIRAR AS COISAS NA PROCURA.)

MENINA - Pode procurar... Tá frio... (ELE AMEAÇA IR À COZINHA) Nem adianta tentar sair pela cozinha, eu comi a chave de lá.

MENINO - E tava boa?

MENINA - Não lembro. Engoli feito os teus comprimidos!

MENINO - Você realmente enlouqueceu.

MENINA - Já disse isso antes.

MENINO - Não adianta me prender aqui. Isso não vai mudar nada...

MENINA - Eu sei...

MENINO - Não vai pensando que vou te perdoar só por ficar aqui olhando pra tua cara...

MENINA - Não... (ELA SE LEVANTA, ELE ACHA QUE ELA VAI PRA CIMA DELE, E SE AFASTA) Calma, eu não vou tentar te seduzir...

MENINO - Porra, menina, é claro que eu te amo, que eu queria ficar com você, ir pra cama com você e esquecer, mas não dá... agora tá difícil... brochou! Preciso de um tempo.

MENINA - Tempo pra quê?

MENINO - Pra pensar, não sei...

MENINA - Do que você tem medo?

MENINO - Quem te falou em medo?

MENINA - O empurrão que me deu foi por medo! O teu olho foge de medo, teu silêncio, menino, é o teu medo!

MENINO - Deu pra recitar, agora? Bonito, mas não parece de verdade... (ELE VAI PARA A JANELA EM BUSCA DE AR. TOMA OUTRO COMPRIMIDO) Ela pensa estar numa deliciosa brincadeira e elabora estratégias, táticas, num jogo de batalha, preparada para atacar qualquer alvo, e eu sou o inimigo. E o pior é que ela pensa, pensa não, tem certeza de que está falando a verdade, a única verdade da Terra.

MENINA - Ele não quer se virar. Tem medo dos meus olhos.

MENINO - Daqui a pouco ela vai querer ser Deus, ou a Virgem Maria, dizer que o amor constrói e remove barreiras, e ela será o guindaste, o trator que vai remover os obstáculos infundáveis que separam nossas ideologias sentimentais. Até quando você

vai continuar bebendo? (ELE SENTA NA JANELA.)

MENINA - O que está fazendo?

MENINO - Olhando pra baixo...

MENINA - Vai se atirar?

MENINO - Quem sabe?

MENINA - Por que não para de fugir? Olha pra mim...

MENINO - Sabe qual é minha vontade neste momento?

MENINA - Me dar um beijo.

MENINO - Sair daqui voando.

MENINA - Besteira, está com medo de não resistir a mim. (SE APROXIMA SEDUTORA) Acho que vai perder esta batalha.

MENINO - (AFLITO, SOBE NO PARAPEITO DA JANELA) Nem mais um passo, senão me atiro!

MENINA - Olha primeiro pra ver se não tá passando ninguém.

MENINO - Você pensa que só você pode enlouquecer da noite pro dia? Pirei. Pirei!!! (ELA ESTÁ QUASE ENCOSTANDO) PÁRA!!! Que eu não estou brincando.

MENINA - (DÁ UM PASSO PARA TRÁS, NERVOSA) Desce daí, menino...

MENINO - Já pensou você viúva?

MENINA - Não nos casamos.

MENINO - Viúva, virgem e culpada! Já estou até vendo a cena: você puxando o meu enterro de sutiã e calcinha pretas e com um lençinho branco na mão... Parece até a dama da Bateria da Gaviões da Fiel, véu na cabeça pra esconder a tua carinha de safada, e chorando e se descabelando em prantos.

MENINA - Que exagero!

MENINO - E depois, no fim da cerimônia, quando finalmente lançarem meu caixão cova abaixo, você, desesperada, alucinada e num último ímpeto de amor, se atira e morreremos felizes para sempre. (SAMBA DESENGONÇADO NA JANELA.)

MENINA - Para de sambar aí em cima. É ridículo, não sabe nem rebolar. Um japonês samba melhor do que você. Desce daí, antes que eu te empurre.

MENINO - Não sei... tô bem aqui, venta gostoso na cara.

MENINA - Quer saber? Se quer se atirar, que se atire. Só que pula de cabeça, pra não restar dúvida que vai morrer. (ELA SAI, VAI PARA A COZINHA.)

MENINO - É uma pena que tudo acabe assim. Você já perdeu alguma coisa preciosa, menina?

MENINA - O Maomé, o meu coelho.

MENINO - Não vale. Você nunca perdeu nada que não pudesse ter de novo. Seus pais sempre te pouparam o sofrimento... Mas no fundo você não é culpada por não saber dar valor às coisas...

MENINA - Desistiu de se atirar?

MENINO - Você não liga?

MENINA - Estou pondo o sutiã e a calcinha preta, lencinho branco é que eu não tô achando, serve vermelho, ou vermelho é de putinha?

MENINO - Adeus!!! (ELE SE ENROSCA NA GRADE DA JANELA TENTANDO SAIR.) Aiii... Merda, quem foi o imbecil que colocou essa grade na janela?

MENINA - Você.

MENINO - Sabia que tinha sido um imbecil.

MENINA - Quem sabe eu não possa acabar com este teu sofrimento?

Caminhando na direção do noivo com um enorme facão de cozinha.

MENINO - O que é isso?

MENINA - Presente da mamãe. Não é lindo?

MENINO - Pra ser sincero, não gostei muito da cor.

MENINA - Por isso não, a gente pinta de vermelho!

MENINO - Pare com isso!

MENINA - Não queria morrer?

MENINO - Não assim.

MENINA - Morte é morte. Tudo igual!

MENINO - (CAI DEITADO NO SOFÁ.) Pare com isso menina...

MENINA - Você assistiu Romeu e Julieta? Eu vi. Tão lindo.

MENINO - Por que não me conta mais tarde?

MENINA - Te mostro agora. Quer ver?

MENINO - Não!

MENINA - (ELA ESTÁ EM CIMA DELE, FINCA-LHE A FACA NA GARGANTA) Você não queria saber por que não fui à igreja? Pois bem, não vou deixar que morra sem saber, não seria justo. É que no fundo, menino, eu não acreditava mais naquele barquinho azul que batizamos de amor...

MENINO - É?

MENINA - Era tudo tão lindo. Tudo tão certinho, que me metia medo...

MENINO - Sério? Mete um pouco em mim também...

MENINA - Medo que a gente acordasse tarde demais e já

estivéssemos separados por uma ilha.

MENINO - Bonito isso.

MENINA - Eu sei que parece patético, menino, mas nosso amor é uma ilha sem fantasias, sem tesouros. Uma ilha deserta, e nós navegadores perdidos, isolados do mundo, esperando o tempo passar.

MENINO - Ensaiei isso?

MENINA - E um amor precisa de sangue!

MENINO - CUIDADO COM A FACA!!!

MENINA - O amor necessita de audácia. De perigo. Eu quero ir além da emoção de um beijo. Eu quero é me afogar no desejo, eu quero beijar teu corpo sem preconceitos... Eu quero te chamar de meu HOMEM, não mais de menino.

MENINO - Quer parar com isso!!!

MENINA - NÃO GRITA COMIGO QUE EU NÃO SOU A TUA MÃE!

MENINO - Por que não mata logo de uma vez? Vai, mata!

MENINA - Pensei que quisesse fazer o seu último pedido. (VAI GOLPEÁ-LO.)

MENINO - EU TE AMO!!!

MENINA - Repete.

MENINO - Eu te amo.

MENINA - E daí? Agora quem não quer mais, sou eu. (JOGA A FACA LONGE. SAI DE CIMA DELE) Covarde! Quer ir embora? (TIRA A CHAVE DO PEITO) Vai.

MENINO PEGA A CHAVE, NEM OLHA PRA ELA. SAI. DEIXA A PORTA ABERTA, COM A CHAVE PENDURADA.

MENINA - Pare de fugir!!! Você sabe que vai voltar! Menino, deixa de ser babaca. Volta aqui... Você falou que eu sou mimada, e você? O que acha que é? Pra onde é que você vai? Pra barra da saia da mamãe. Ou vai tomar um porre com suas amiguinhas da zona? Covarde! Olha bem pra mim e diz que não me ama. Se o problema é casar, a gente seqüestra um padre e faz uma cerimônia lá na praia, com cobertura pela internet, pra todo mundo ver. Mas volta aqui agora. (PARA O ATAQUE) Oi Dona Dalva. Não aconteceu nada, não. Nada. Esse é o problema, Dona Dalva. Quando nada acontece. Não, eu não tô louca, eu tô com ódio. (ELA FECHA A PORTA. VAI PARA DENTRO DA CASA.)

MENINO - (LONGE DALI) No fundo eu até quero entender. Acho até que entendo, mas aceitar é outra história. Aquela igreja lotada, e eu feito otário, enxugando a testa que pingava. A mãe dela me olhava e eu sorria, tentando disfarçar a minha agonia, e ria. E todo mundo percebia, e também riam e

cochichavam baixinho, transformando tudo num zumbido infernal. É isso eu me sentia num inferno em plena casa de Deus, e ela quer que eu esqueça, assim, como num click. Não, não dá. Ainda não...

MENINA - (VOLTA SEM O VESTIDO DE NOIVA E SEM O PENTEADO EXTRA-VAGANTE.) Ele nem levou a chave... Então é isso? Não vai mesmo voltar? Se pensa que vou ficar aqui chorando, arrependida, esperando você, errou! Eu vou te achar!

VAI PARA A RUA. NO MEIO DO SEU CAMINHO, UM RAPAZ, TIPO BEM ESQUISITO, ABORDA-A.

RAPAZ - Lúcia?

MENINA - É comigo?

RAPAZ - Nossa, você melhorou um bocado.

MENINA - Cai fora que a cantada é velha, e eu não tô aqui pra isso.

RAPAZ - Quatro anos e você está ainda mais gostosa. Esse peitão é silicone?

MENINA - Pode me dar licença?

RAPAZ - Vai pra onde?

MENINA - Dá licença.

RAPAZ - Sozinha? Por quê? Você não é tão feia assim.

MENINA - Valeu!

RAPAZ - Falo sério, tem uma bundinha legal, uns peitinhos colocados. Deixa eu ver...

MENINA - Sai seu tarado.

RAPAZ - Posso ler a tua mão?

MENINA - Não.

RAPAZ - Tem medo do futuro?

MENINA - Não.

RAPAZ - E de mim?

MENINA - Eu já te pedi pra sair da minha frente, por favor...

RAPAZ - E se começasse a tocar uma música?

MENINA - Do que é que você tá falando?

RAPAZ - Dançava comigo?

MENINA - Claro que não.

RAPAZ - E se a música fosse uma daquelas irresistíveis, eu fosse chegando mais perto, tão perto que você não pudesse nem respirar direito, tão perto que você não tivesse outra escolha...

MENINA - Você é chato...

RAPAZ - Tá ouvindo?

O RAPAZ, COMO SE OUVISSE UMA MÚSICA, PUXA-A PARA UMA DANÇA EM PLENA RUA. ELA O ACOMPANHA. QUANDO DÁ CONTA, INTERROMPE E SOLTA-SE DOS BRAÇOS DELE.

MENINA - O quê é isso?

RAPAZ - É só uma dança, gata!

MENINA - Me solta.

RAPAZ - Não. Não pode ir assim, dança mais um pouco. Vamos continuar o que paramos, e estava tão bom.

MENINA - Isso não tem lógica nenhuma...

RAPAZ - Dançarmos pela rua?

MENINA - Se alguém me ver, o que é que vai pensar...

RAPAZ - Que está feliz!

MENINA - E quem disse que eu estou?

RAPAZ - Parecia.

MENINA - Não tenho nenhum motivo pra estar...

RAPAZ - Pena...

MENINA - E por maior que fosse a minha alegria, não iria sair agarrando a primeira criatura que encontrasse e começar a dançar. Isso é coisa de lunático.

RAPAZ - Talvez eu seja.

MENINA - Não sei qual é a tua, mas posso lhe garantir que não é a minha!

RAPAZ - Quer beber alguma coisa?

MENINA - O quê?

RAPAZ - Beber? É um motivo, tipo mais óbvio, pra as pessoas conversarem e tentarem se conhecer. Vai?

MENINA - Não!

RAPAZ - Relaxa.

MENINA - Não preciso. Estou calma. Calmíssima.

RAPAZ - Você sabia que é linda?

MENINA - Não. Não sou... Ânã???

RAPAZ - Linda. Quem disse que não?

MENINA - Pra sua segurança, eu acho melhor você me dar licença, meu marido tem mania de me seguir, e não gosta de me ver conversando com estranhos! E ele é do tipo violento... Tipo lutador de Jiu Jitsu!

RAPAZ - Não pensei que fosse casada.

MENINA - É que eu não uso aliança.

RAPAZ - Então é ele.

MENINA - Ele? Ele o quê?

RAPAZ - Que te acha feia. É sempre assim. Os maridos sempre fazem isto. É mais seguro pra eles. Mas não acredite não. Nunca. Você é linda. Linda.

MENINA - A conversa está ótima, você realmente é uma simpatia, mas tenho que ir agora.

RAPAZ - Seus olhos são preciosos!

MENINA - Me deixe ir embora, ou quer me ver estatelada no chão? Se meu marido aparece e nos vê aqui conversando, só conversando, ele me mata.

RAPAZ - Tem medo do amor?

MENINA - Que amor? Você nem me conhece... Tá de brincadeira?

RAPAZ - Morre de medo do amor.

MENINA - Ninguém descobre que está amando em cinco minutos. Nem uma lebre!

RAPAZ - Eu vou te seguir.

MENINA - Quer parar? Ai, por que eu não tenho uma arma? Qualquer uma servia.... Meu amigo, pare com isso. Me deixe em paz!

RAPAZ - Não sabia que te incomodava tanto.

MENINA - Já não disse que sou casada? Fica aí parado, que em menos de dois minutos aparece uma solteirona, doidona pra que aconteça um romance desses cheios de música e aventura. Tipo inesperado...

RAPAZ - Me dá um beijo?

MENINA - O quê? É surdo ou tá se fazendo de besta?

RAPAZ - Um beijo só. Juro que não mordo.

MENINA - Não se aproxime... Pare com isso, pelo amor de Deus. Ai que calor... que tipo de mulher pensa que sou?

RAPAZ - Irresistível!

MENINA - Eu vou gritar!

RAPAZ - Vai nada.

ELE A BEIJA. ELA FECHA OS OLHOS E NÃO SE MOVE.

MENINA - Agora vai. Sai daqui antes que eu comece a gritar... E tem mais, não seja louco de me seguir. Se não for meu marido, eu mesma te mato. Entendeu?

RAPAZ - A gente ainda se vê. O destino, o destino é um grande amigo meu! Só não esquece de uma coisa, você é linda, linda demais.

(O RAPAZ DESAPARECE. MENINA VOLTA PRA CASA. ENTRA ATÔNITA, PÁRA ATRÁS DA PORTA.)

MENINA - O que foi isso? (COMEÇA A DANÇAR) O que é que está acontecendo comigo? Alguém me explica? Você é linda, linda demais! Pare! Eu não consigo tirar aquele homem da cabeça. Eu nem sei quem é ele, nem bonito ele era. Não? Eu não me lembro do seu rosto, só do beijo! Nossa... nunca ninguém me beijou assim... (BATEM NA PORTA) Meu noivo! É isso, eu amo meu noivo. Ele voltou. Um beijo, o que pode representar um beijo? Eu amo o meu noivo.

VAI CORRENDO À PORTA. ABRE, PORÉM, PARA SUA SURPRESA, NÃO É O NOIVO QUE VÊ.

MENINA - Você?

RAPAZ - Achou que tinha se livrado de mim?

MENINA - O que quer... Como descobriu?

RAPAZ - Não disse que a gente ainda ia se ver? O destino e o porteiro do seu prédio são grandes amigos meu.

MENINA - Vai embora.

RAPAZ - (FORÇANDO A PORTA) Eu não. Acabei de chegar.

MENINA - O que quer de mim?

RAPAZ - Quero ser teu amigo.

MENINA - Garanto que ia se arrepender. Sou uma péssima amiga.

RAPAZ - Adoro correr riscos.

MENINA - Meu amigo, vou te contar uma coisa, meu pai é um coronel do exército e eu vivo permanentemente rastreada.

RAPAZ - É... e como é que fazia pra...

MENINA - Eu não fazia.

RAPAZ - Credo, casou virgem?

MENINA - Completamente.

RAPAZ - Isso é raro.

MENINA - Eu sou uma espécie em extinção.

RAPAZ - Melhor ainda, mais um motivo pra trair seu marido.

MENINA - Eu não vou fazer isso... Vai embora daqui antes que meu marido volte!

RAPAZ - Não é isso que você quer, eu sei...

MENINA - Você não sabe de nada.

RAPAZ - Não tem nada que se possa beber aqui?

MENINA - Não. Se não sair, vou chamar a polícia.

RAPAZ - Não estava sendo rastreada?

MENINA - Se você está tentando me provocar algum tipo de atração, posso te garantir que a única coisa que está conseguindo me provocar é medo.

ELE ESTOURA O FIO DO TELEFONE SEM QUE ELA PERCEBA E PEGA A CHAVE DELA QUE ESTÁ NA BOLSA.

RAPAZ - Vinho? É bebida de fresco, mas serve.

MENINA - Você é surdo?

RAPAZ - Não precisa ter medo, se quisesse te fazer alguma coisa de ruim já teria feito. Vem cá! Senta do meu lado, larga de frescura, esta fantasia de donzela reprimida não orna nada com esta tua carinha de safada.

ELA PEGA O TELEFONE

MENINA - O telefone! Está mudo.

RAPAZ - E esse celular é teu?

MENINA - Me devolve.

RAPAZ - Relaxa, gata.

MENINA - Você é louco? Fala logo, o quê você quer? É um maníaco?!!

RAPAZ - E estamos sozinhos aqui. Você e um maníaco! Vai perder a oportunidade?

MENINA - Vou gritar, se mover um só passo em minha direção e você vai conhecer a Dona Dalva, a minha vizinha, ela é um monstro.

RAPAZ - Gosto dos teus cabelos.

MENINA - Tire a mão de mim.

RAPAZ - Por que não se solta? Vai ficar mais bonita.

MENINA - Eu estou reconhecendo a tua voz.

RAPAZ - Deixa de história e me dá um beijo, gata!

MENINA - Eu te conheço de algum lugar.

RAPAZ - Pode ter certeza disso. Fui famoso na outra encarnação!

MENINA - De onde é?

RAPAZ - Não foge não, delícia. Você acredita em amor à primeira vista?

MENINA - Não.

RAPAZ - Nem eu. Prefiro sexo à primeira vista!

MENINA - Eu não acho importante fazer sexo no primeiro dia da relação.

RAPAZ - Em algum momento isso seria inevitável, por que não acabar logo então com o suspense, pelo menos o risco da frustração é menor.

MENINA - Você é ridículo!

RAPAZ - Não preciso de elogio, só sexo!

MENINA - Meu marido, meu marido vai chegar, ele só saiu pra comprar cigarro.

RAPAZ - Você não é casada.

MENINA - Como?

RAPAZ - Você tá com cara de quem está mentindo pra mim. Sabia que tu tem a cara da maior mentirosa do mundo?

MENINA - Jura?

RAPAZ - Foi por isso que me amarrei em você.

MENINA - Pela minha cara de mentirosa?

RAPAZ - É... uma hora ou outra a pessoa que você gosta vai te ferrar... com uma mentira ou com uma verdade uma hora ela te ferra, só que com as que tem cara de boazinha a gente se ilude, e acha que será diferente, mas nunca é... por isso prefiro mulheres como você, que não disfarçam...

MENINA - Você iria adorar conhecer a minha mãe, ou ela a você... ela é psicóloga... (ELE AMEAÇA IR PARA DENTRO DA CASA) Aonde é que você vai?

RAPAZ - Conhecer a tua casa, ver se a tua cama é gostosa...

MENINA - Ok. Já que não vai sair, saio eu.

RAPAZ - Vai pra onde?

MENINA - Pode roubar tudo se quiser, eu não ligo, mas com você aqui dentro eu não fico.

RAPAZ - Então tá, já que não se importa, tudo bem... (TIRA OS SAPATOS.)

MENINA - O que é que você tá fazendo?

RAPAZ - Ficando à vontade.

MENINA - Põe esse sapato.

RAPAZ - Eu já sei o que eu vou fazer... Vou ficar pelado, esperando o seu marido...

MENINA - Pra quê?

RAPAZ - Do que é que você tem mais medo, da morte ou da vida? De morrer ou de viver?

ELE ACENDE UM CIGARRO, FUMA DE FORMA ENGRAÇADA, FAZENDO CÍRCULOS COM A FUMAÇA.

MENINA - Realmente você não me dá medo, sabia?

RAPAZ - Então por que não fecha a porta e vem pra perto de mim?

MENINA - Você nem parece de verdade.

RAPAZ - É? (TIRA A CAMISA) Me diz uma coisa, como é que o teu noivo lidava com o controle todo do teu pai?

MENINA - Pergunta você pra ele, quando ele chegar.

RAPAZ - Fecha essa porta (O RAPAZ DEFINITIVAMENTE AVANÇA PRA CIMA DELA). Eu não vou mais esperar nada!!!

MENINA - Vai me pegar à força?

RAPAZ - Não, você também quer.

MENINA - Quero, é?

O RAPAZ COMEÇA A BEIJÁ-LA. ELA ESBOÇA UMA FRIEZA. ELE NÃO FORÇA NADA DE FORMA ABRUPTA, MAS NÃO PERDE A INICIATIVA.

MENINA - Eu não quero... eu não posso.

RAPAZ - Não quer ou não pode?

MENINA - Os dois.

RAPAZ - Vinho?

ELE SE AFASTA VAI ATÉ ONDE ESTÁ A GARRAFA DE VINHO. ELA ESTÁ COMPLETAMENTE ATÔNITA.

MENINA - Tem algum momento da nossa história em que a única coisa que queremos é voltar o tempo, andar pra trás pra corrigir o que deu errado. Mas no fundo eu não sei se isso funciona, porque a gente nunca sabe o que encontra no meio do caminho, e é o que a gente encontra no meio do caminho que faz a gente se arrepender pelo resto da vida...

RAPAZ - O que foi?

MENINA - Nada, tava pensando...

RAPAZ - Quem pensa não casa...

MENINA - É? Não diga!

RAPAZ - Além do que, mulher bonita não pensa... pra não ficar feia.

MENINA - Você é engraçado.

RAPAZ - Se não tá mais com medo de mim, o que é que tá sentindo, então?

MENINA - Sei lá...

RAPAZ - Eu to adorando te conhecer, por que não larga seu marido, se é que tem um mesmo, e foge comigo?

MENINA - E pra onde você ia me levar?

RAPAZ - Pra um mundo diferente do teu.

MENINA - Tentador.

RAPAZ - Mas primeiro eu preciso ver se a gente é compatível. Sabe como é, às vezes a embalagem é tentadora, mas o que tem dentro nem sempre presta.

MENINA - E transando comigo vai descobrir se eu presto?

RAPAZ - Pelo menos se temos compatibilidade.

MENINA - Sexo pra você é o que interessa?

RAPAZ - Hoje é.

MENINA - E o que te fez mudar?

RAPAZ - Uma mulher! (PAUSA) Meu copo secou, acabou o vinho?

MENINA - Ta lá dentro.

RAPAZ - Pega pra nós, só mais uma garrafa e eu juro que vou embora. Se teu marido chegar, a gente fala pra ele que eu sou teu primo do interior que veio te visitar.

MENINA - Ele conhece todos os meus primos.

RAPAZ - Impossível. Ninguém conhece todos os primos que tem, sempre aparece um.

MENINA - Quem é você?

RAPAZ - Um anjo!

MENINA - Está me achando com cara de otária?

RAPAZ - É mentira. Mas diz que não tá gostando?

MENINA - Não...

RAPAZ - Esse "não" pode querer dizer "sim". É psicologia feminina elementar. Tira a roupa...

MENINA - Não...

RAPAZ - Tá ficando quente aqui...

MENINA - Não vem...

RAPAZ - Calma... fica tranqüila, vai doer no começo, mas do meio pro fim a coisa esquenta dum jeito que vai adorar!

MENINA - Cuidado comigo, eu sou louca...

RAPAZ - Mais vinho? Ajuda a destravar os nervos! Relaxa as articulações, libera a imaginação e apaga da cabeça a memória!

MENINA - Tira esse óculos!

RAPAZ - Voltou a ter medo de mim?

MENINA - Definitivamente eu conheço essa voz!

RAPAZ - Não corre, que acaba caindo e se machucando... Me dá um beijo!

ELES SE BEIJAM. SEM QUE ELA PERCEBA ELE TRANCA, TIRA A CHAVE DA PORTA E BATE COMO SE HOUVESSE ALGUÉM DO LADO DE FORA.

MENINA - Não disse? É ele. Meu marido. Não te falei que ele tava pra chegar? E agora? O que eu faço? Se mexe ...

Ele começa a dançar feito um louco pela sala



MENINA - O que é que você tá fazendo?

RAPAZ - Me mexendo...

MENINA - Eu preciso me livrar de você...

RAPAZ - E se eu me disfarçar de abajur.

MENINA - Imbecil...

RAPAZ - Seu marido não tem uma chave?

MENINA - Ele deixou a d... Ai! Vai pro banheiro!!!

RAPAZ - Banheiro? Que original!

MENINA - Tem razão, péssima sugestão. Melhor. Vai pra cozinha. Tem uma outra porta lá.

RAPAZ - É uma pena... la ser uma noite inesquecível!

MENINA - A noite do meu velório.

O RAPAZ SAI. ELA PROCURA A CHAVE.

MENINA - Aonde foi parar esta maldita chave? Calma amor, já vai. Estou procurando a chave... (LEMBRA-SE DE SUA CHAVE NA BOLSA) Você pegou a chave, estrupício? (O RAPAZ NÃO RESPONDE, ELA VOLTA A PROCURAR A CHAVE. ESTÁ ABAIXADA, DOIS PÉS PARAM À SUA FRENTE. ELA APALPA... É O NOIVO...) MENINO?!? O que está fazendo, aí? Você não estava do outro lado?

MENINO - Cansei de esperar e dei a volta.

MENINA - Entrou pela cozinha!!!

MENINO - Não, serrei a grade e entrei pela janela.

MENINA - E aonde arrumou a chave?

MENINO - Tinha uma reserva no carro.

MENINA - Que bom! E aí...

MENINO - E aí...

MENINA - Tudo bem?

MENINO - Tudo bem o quê?

MENINA - A chave? Funcionou direitinho?

MENINO - Parece, eu entrei, não é?

MENINA - É. Entrou! Bem na hora!

MENINO - De quê?

MENINA - De voltar! Sabia que ia voltar... Que ia se arrepender.

MENINO - Não me arrependi de nada. Só vim buscar minhas coisas.

MENINA - Tem certeza? (IMPEDE SUA PASSAGEM)

MENINO - O que foi?

MENINA - O que foi o quê?

MENINO - O que ta acontecendo?

MENINA - É o que eu também queria saber, o que ta acontecendo? (EMPURRA-O PARA O SOFÁ)

MENINO - O que é isso?

MENINA - Senta um pouco.

MENINO - Menina...

MENINA - Você sabe o que tá acontecendo? Não sabe, não é? Nem imagina... Tô vendo tua cara de absorto... Sabe o que significa isso? Absorto? Também não sabe? Nem desconfia? Pois eu vou te dizer... a coisa é bem simples, você me ama... voltou pra dizer isso e não sabe como.

MENINO - Dá licença.

MENINA - Não! (EMPURRA-O NOVAMENTE PRO SOFÁ) Eu ainda não acabei... Eu vou ajudar você... eu tô até bem propensa a te perdoar... A fingir que nada aconteceu... a gente podia até sair pra jantar... AGORA!

MENINA - Menina, se alguém deve perdoar alguém de alguma coisa, esse alguém não é você. Eu já te disse que não vim fazer as pazes, vim buscar minhas coisas.

MENINA - Então é isso?

MENINO - É.

MENINA - Simples pra você, não é? Depois de tudo o que nós vivemos, você entra por essa porta, essa não, que a chave dessa desapareceu, entra, enfim, e diz que veio buscar as suas coisas, como se a nossa história não tivesse a mínima importância. Sabia que você foi o meu primeiro namorado? Sabia que depois de você eu nunca namorei outra pessoa? Isso faz de você a única pessoa com a qual eu me relacionei.

MENINO - Você tá doidona, heim?

MENINA - Não acabei... Isso faz de você responsável por mim.

MENINO - Isso nunca. Nem se a gente tivesse casado, esse fardo eu não passaria pra mim.

MENINA - Olhe bem para os meus olhos e diga que não me ama.

MENINO - Te amo.

MENINA - Tá vendo?

MENINO - O que não faz com que eu ainda queira viver com você... (ELE SE LEVANTA NOVAMENTE EM DIREÇÃO AO QUARTO.)

MENINA - Por aqui você não passa.

MENINO - Não quer que passe por quê? Está escondendo alguém aí dentro?

MENINA - De onde tirou isso? Eu, heim? Como alguém? Quer dizer o que com isso? Que tem uma pessoa que eu to tentando esconder?

MENINO - Um homem, talvez.

MENINA - Me respeite. O que é que você pensa que eu sou?

MENINO - Esquece...

MENINA - Tudo bem, eu entendo, você tá meio perturbado...

MENINO - Por que tava procurando a chave debaixo do sofá quando entrei?

MENINA - Eu? Tava? Não lembro...

MENINO - Por que tirou a chave da porta?

MENINA - Menino, você não tá num tribunal. Pare de fazer perguntas, que coisa chata.

MENINO - É o hábito.

MENINA - A faculdade que ele ia se formar, para que depois pudéssemos, enfim, casar, era Direito. Depois de muito tempo que eu percebi que ele não conversava, ele interrogava a gente... é essa a forma dele estabelecer comunicação com o mundo exterior, fazendo um interrogatório com quem convive. Deve ser herança genética, os pais dele são advogados... deve estar no sangue...

MENINO - Mas posso te fazer só mais uma pergunta, pra não perder o hábito?

MENINA - Sim, eu juro dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade.

MENINO - Quanto tempo você precisou pra planejar tudo?

MENINA - Ai que papo mais chato. Eu sou culpada, portanto, não preciso explicar nada. Só os inocentes tem o que explicar.

MENINO - Bela teoria!

MENINA - Acabou. Vamos botar uma pedra sobre esse assunto. Vi nos seus olhos que não voltou pra buscar coisa nenhuma, veio pra ficar, e está com medo de admitir.

MENINO - Você pensa que sabe tudo sobre todas as coisas, não é?

MENINA - Só a verdade.

MENINO - Será que realmente você me conhece?

MENINA - Em que sentido?

MENINO - Sempre me achou um idiota, um menino tolo e mimado...

MENINA - Você ouviu?

MENINO - O prédio inteiro ouviu.

MENINA - Já que ouviu... eu disse. Não adianta nada eu falar outra coisa...

VAI AO APARELHO DE SOM E PÕE UMA MÚSICA.

MENINO - Quer dançar?

MENINA - Que é que você disse?

MENINO - Quer dançar?

MENINA - Você não gosta de dançar, menino...

MENINO - Quem disse?

MENINA - Você.

MENINO - Não gosto de dançar nos lugares idiotas que você sempre me leva pra dançar aquela música maldita de robô.

MENINA - É o que a maioria das pessoas da nossa idade curte.

MENINO - E por que a gente precisa ser como a maioria? Pra ficar na moda?

MENINA - Não... é uma questão de tendência...

MENINO - Tendência é o caralho!!!!!!!!!!

MENINA - Menino, o que foi isso? (ESTRANHA O PALAVRÃO.)

MENINO - Ainda nem comecei. (TIRA A MÚSICA.)

MENINA - O que você quer dizer com isso?

MENINO - Que eu posso não ser quem você pensa que eu sou.

MENINA - É? E por que você decidiu me mostrar esse outro hoje?

MENINO - Porque talvez você goste mais desse outro.

MENINA - Eu gosto de você.

MENINO - Então por que me deixou na igreja, no pé do altar como um imbecil olhando para os convidados que lotavam a porra da igreja?

MENINA - Se eu soubesse que isso ia te traumatizar desse jeito, eu juro que...

MENINO - Eu não tô traumatizado, merda!!!! Eu tô pensando no que eu devia fazer com você. (MEXE NA ROUPA COMO SE PROCURASSE UMA ARMA.)

MENINA - Não queria dançar?

MENINO - Desisti. Preciso ir ao banheiro.

MENINA - (EM TOM DE SÚPLICA) Tem certeza?

MENINO - Essa é uma das poucas certezas de que o homem não tem como botar à prova... quer que eu mije aqui na tua

frente pra mostrar minha necessidade?

MENINA - Voltou fino e educado, heim... (ELE SAI) Será que ele encontrou com aquele demente saindo? Gente. Ele não é assim, nunca falou um palavrão na minha frente, nem no trânsito... Cheguei até a pensar que ele era meio boiola, quer dizer, isso eu achava porque ele não me comia...

Rapaz entra correndo

RAPAZ - O que é que deu em você, gata? O cara quase me pega, se sua intenção era fazer a gente se conhecer, me chamasse aqui na sala...

MENINA - Você ainda tá aí, desgraçado?

RAPAZ - Queria que eu sáísse por onde? Pela janela?

MENINA - Achei que tivesse aproveitado pra sair pela cozinha quando ele entrou.

RAPAZ - Como? Ele fechou a porta e enfiou a chave no bolso.

MENINA - Então abre essa porta, antes que ele volte.

RAPAZ - E abro como, com a força do pensamento?

MENINA - É mesmo, a chave sumiu, foi você! Onde é que você pôs?

RAPAZ - Tá ouvindo, ele tá voltando... (SE ESCONDE ATRÁS DO SOFÁ.)

MENINA - Agora tá com medo? Não ia esperar o meu marido pelado?

RAPAZ - Quer que ele me encontre? Pra mim tudo bem. (SENTA-SE NO SOFÁ.)

MENINA - Tá louco? Vai pra cozinha.

RAPAZ - De novo?

MENINA - Não, imbecil, é que a chave da porta da cozinha tá dentro do forno.

RAPAZ - Por que põe a chave no forno? Simpatia?

MENINA - Escondi pra ele não pegar... não interessa...

RAPAZ - E não me disse antes por quê? Quer mesmo que eu vá embora? Podia se livrar dele, em vez de se livrar de mim.

MENINA - Cara, alguém já te disse o quanto você é chato!!!

RAPAZ - Não sou do tipo que acredita em tudo o que ouve.

MENINA - Então fica aí bem onde você tá que vai ter que acreditar na vida após a morte.

RAPAZ - Tá aí uma coisa que eu também nunca fui muito lá de acreditar.

MENINA - Sai, que a não ser que meu marido esteja com uma crise intestinal, ele vai entrar por ali em um segundo...

RAPAZ - É uma pena... É uma pena que tudo entre nós acabe assim... (BEIJA-A.)

MENINA - Sai daqui, inferno!

ELE SAI.

MENINA - Menino, você tá bem? (UMA RESPOSTA ABAFADA DIZ QUE SIM) Entendi... a coisa tá enroscada aí no banheiro, é? (hummm) tudo bem, não força nada, deixa vir que sai... é sempre assim na vida... Não precisa ter pressa por minha causa... eu tô bem... mesmo SOZINHA eu tô bem... De vez em quando ficar sozinha é ótimo! Olhem pra mim, eu tenho só 20 anos, aposto que muita mulher de 40 não passou por isso... Menino, você não tá demorando demais não? Já deu... Menino, tá tudo bem, aí?

MENINO - Oi...

MENINA - Que susto, menino. Pensei que tivesse ido embora.

MENINO - Sem falar com você?

MENINA - É...

MENINO - Não... isso seria uma forma de vingança óbvia demais.

MENINA - Foi o que eu pensei

MENINO - Então não devia estar aflita.

MENINA - Quem disse que eu tô aflita?

MENINO - Você.

MENINA - Você está querendo colocar palavras na minha boca. Olhe, menino, eu não sou um de seus réus não, pode parar que eu não caio nesses teus truques...

MENINO - O que é isso?

(PEGA UM PAR DE SAPATOS DO CHÃO)

MENINA - Isso? Filha-da-puta!

MENINO - Oi?

MENINA - Nada... foi só um suspiro... isso é um sapato...

MENINO - Não diga.

MENINA - Posso jurar que é.

MENINO - Eu sei que é um sapato.

MENINA - Então por que perguntou?

MENINO - De quem é esse sapato?

MENINA - Isso já é outra coisa... De quem? Parece meu?

MENINO - Também não é meu.

MENINA - Como assim não é seu?

MENINO - Não é meu número.

MENINA - De quem SERIA então?

MENINO - De alguém que esteve aqui durante o tempo em que EU não estive.

MENINA - É... claro, só pode ser isso... se não é seu... e agora está aqui... só pode ser de alguém que esteve aqui... senão como é que ele viria parar aqui, afinal, sapatos não voam...

MENINO - Menina, de quem é esse sapato?

MENINA - Ora, quem é que esteve aqui quando você saiu?

MENINO - Boa pergunta, quem?

MENINA - Meu pai...

MENINO - E ele deixou o sapato dele aqui, por quê?

MENINA - Tava apertando o pé, era novo, ele tinha comprado pro casamento, não tava "laceado" direito... e sabe, meu pai tem joanete, isso acaba com os pés dele...

MENINO - E ele foi embora descalço?

MENINA - Não... eu peguei um teu... acho que não vai se importar não é?

MENINO - Você não fez isso.

MENINA - Que egoísmo menino, ele não vai comer o seu sapato... amanhã ele devolve.

MENINO - Tô dizendo que eu não tô acreditando na tua história...

MENINA - Não tá?

MENINO - Não.

MENINA - Liga pra ele...

MENINO - Boa idéia...

MENINA - Não, não é boa... é péssima...

MENINO - Por que o telefone não funciona?

MENINA - Não funciona? É mesmo... tá quebrado, eu, fui eu que quebrei, tive um ataque histérico quando saiu, e comecei a quebrar tudo, meu primeiro alvo foi o telefone... (FINGE UM ATAQUE, IMITANDO O QUE TERIA FEITO) tirei da tomada e joguei no chão...

MENINO - Teu pai tá fumando desde quando?

MENINA - E quem é que te deu essa informação?

MENINO - Esse cigarro no cinzeiro, não é dele? É de quem?

MENINA - Filho-da-puta, mesmo... Meu!

MENINO - Você nunca fumou, menina!

MENINA - Na tua frente, sei que não gosta. Eu te respeito.

MENINO - Eu sei...

MENINA - Pensei que tivesse ido lá dentro pra fazer a mala?

MENINO - Quer que eu vá embora?

MENINA - Por que sempre responde uma pergunta com outra pergunta?

MENINO - Ossos do ofício.

MENINA - Relaxa, estamos em casa, pode ficar à vontade. Já sei, eu vou lá dentro buscar mais vinho...

MENINO - Pode deixar que eu pego.

MENINA - NUNCA!

MENINO - O que é que te deu?

MENINA - Se eu falei que vou lá na cozinha pegar. Eu vou lá na cozinha pegar. Que mania que você tem de me contrariar, se eu te pedisse pra ir, aposto que não iria, mandaria que eu fosse... Tô mentindo?

MENINO - Você tá muito esquisita, isso sim.

MENINA - Já disse isso, umas três vezes pelo menos, hoje. Já devia estar começando a se acostumar com o meu estado.

MENINO - Você tá diferente. Quando eu cheguei da igreja você tava toda segura de si, parecia até que tava num pedestal. Agora tá agitada, meio descontrolada.

MENINA - As pessoas mudam.

MENINO - Você principalmente.

MENINA - Eu vou lá na cozinha pegar mais um vinho, por que não escolhe uma música... uma que goste de dançar... (SAI).

MENINO - Até hoje ela ainda não decidiu o que estudar, Já fez moda, publicidade e agora tá toda determinada a ser Assistente Social. O que ela não admite é que ela não tem objetivo.

MENINA - Cadê ele?

MENINO - Ele quem?

MENINA - Não passou ninguém por aqui?... Quer dizer, estava sozinho o tempo todo?

MENINO - Não, tava eu e o Mike Tyson. (APONTA PARA O ENORME MACACO DE PELÚCIA QUE FAZ PARTE DA DECORAÇÃO.)

MENINA - Você tava falando com o Mike?

MENINO - Gente boa ele. Tá aí um amigo que sabe ouvir nossos problemas...

MENINA - Depois eu que sou a louca...

MENINO - Loucura pega, não sabia? Acho que eu to contraindo sua doidera... (COMEÇA A DANÇAR, TENTANDO SER SENSUAL.)

MENINA - Tomou o que dessa vez? Lexotan com tequila?

MENINO - "Hipofagin", tarja preta... A gente podia fingir que tá na Disneylândia, o que é que você acha? Você não queria brincar... Ou prefere uma coisa mais quente...

MENINA - O inferno, por exemplo?

MENINO - Era nisso que eu tava pensando... Fogo!

(EMPURRA ELA NO SOFÁ)

MENINA - O que é isso, menino?

MENINO - Não falei que sua loucura tava me contaminando, e agora é sua vez de ficar aí quietinha... (APAGA A LUZ.)

MENINA - Menino, acende isso, tenho claustrofobia de escuro...

MENINO - Claustrofobia é medo de ficar trancada...

MENINO - Você entendeu, gênio! (ELE A AMARRA NO SOFÁ.)

MENINA - Menino, o que você vai fazer?

MENINO - Não fale nada... escute a música... eu não falei que tava decidindo o que eu vou fazer com você? Descobri.

MENINA - Menino, sinto em te dizer que este tipo de atitude, não combina com você. Não faz o mínimo sentido. Eu sei que deve estar fazendo isto tudo pra me agradar, mas pode parar, só por ter voltado já tô absolutamente feliz.

MENINO - (COMEÇA A SEDUZI-LA. BEIJA-A COMO NUNCA O FEZ.)

MENINA - Esse beijo...

MENINO - Não gostou ?

MENINO SAI DE CIMA DELA. SENTA-SE DE CABEÇA BAIXA, MENINA TENTA SE APROXIMAR.

MENINA - Desculpe menino, eu sei que devo ter meio que pirado a tua cabeça.

MENINO - Queria que fosse outro?

MENINA - Outro?

MENINO - Olhe na minha cara e diz que não falta mais nada pra me dizer?

MENINA - Como?

MENINO - Por que você fez isso comigo, tem mais alguma coisa que eu preciso saber? Sabia, eu tinha te comprado um presente especial... pra te dar hoje, lá na igreja, mas depois disso tudo pensei em jogar fora, mas não é isso o que eu

quero, eu vou te dar seu presente. (SAI PRA BUSCAR.)

MENINA - Menino, escute aqui, eu gosto de você como é. Escutou?

MENINO - Mudou de idéia?

MENINA - Você tem razão... você, minha mãe, meu pai, até meu irmão caçula, eu sou louca.

MENINO - Tá falando isso por quê?

MENINA - Essa não é a primeira loucura que eu fiz, acho que nasci pancada...

MENINO - É?

MENINA - Quando eu era pequena, meus pais compraram uma máquina de lavar, daquelas que tinha um buraco de vidro no meio, pois eu não entrei lá dentro e mandei meu irmão mais novo ligar.

MENINO - Você não fez isso...

MENINA - Nem meu irmão. Minha empregada pegou a gente antes...

RAPAZ VOLTA DA COZINHA.

RAPAZ - Mina, eu não acredito, eu sempre fui pirado em fazer isso, é que lá em casa não tinha esse tipo de máquina, então eu brincava de escorregar no tanquinho.

MENINA - Você ainda não foi embora?

RAPAZ - A chave não tava lá no microondas.

MENINA - Eu não disse que tava no microondas, disse que tava no forno, no forno do fogão.

RAPAZ - Ah é... fogão também tem forno, tinha esquecido.

MENINA - Aonde é que você tava? Quando eu fui pegar vinho na cozinha você não tava lá.

RAPAZ - Eu ouvi o barulho, pensei que fosse teu marido e fui pra área de serviço... aquilo que tem ali é um quartinho de empregada?

MENINA - É, jumento, é...

RAPAZ - E como é que ela faz pra dormir lá? Fica pendurada feito morcego?

MENINA - O que você quer é me ver pendurada, enforcada aqui na sala... pega lá a corda vai...

RAPAZ - Eu não, já disse que se quisesse te fazer mal já teria feito...

MENINA - Cale a boca e suma daqui.

RAPAZ - Quando nos conhecemos você não era tão estúpida, umas horinhas de relação e olha pra onde vai o romantismo.

Não é à toa que o outro tá indo embora.

MENINA - Quem disse isso? Vai nada. É frescura.

RAPAZ - Eu vi ele entrando no quarto e jogando as roupas do guarda roupa na cama...

MENINA - Mentira.

RAPAZ - Tá vendo? Antes um na mão do que dois voando, fez tanta frescura, agora vai ficar aí, sozinha.

MENINA - Menino, o que é que você tá fazendo?

RAPAZ - Me livrando de você!

MENINA - Cale a boca, verme.

RAPAZ - Sabe que até eu mudei de idéia...? Você não é tudo isso, mesmo.

MENINA - Não diga!

RAPAZ - De longe você até impressiona, mas de perto, a coisa cai pra lá de 30%... acho que é a roupa que ajuda, é de grife é?

MENINA - Tá esperando o que pra cair fora? Que ele volte pra sala?

RAPAZ - Vou te dar um conselho, gata! Eu se fosse você agarrava esse aí mesmo, o cara até que é boa pinta e parece burguês... se deixar esse escapar, a coisa pode ficar preta pro teu lado...

MENINA - Eu também vou te dar um conselho, gato: vai à merda!

RAPAZ - Além de tudo é grossa... A passagem tá no forno, né? Fui...

MENINA - Vai pro inferno. Só me faltava essa agora... de perto cai pra lá de 30%. Quem ele pensa que é? O Gianechini? Menino, olhe aqui, eu vou te dizer uma coisa, se você tá aí no quarto arrumando a mala pra ir embora, e acha que eu vou me acabar de chorar por isso, ou me atirar aos teus pés, pedindo pra ficar... acertou... mentira. NÃO VOU! E sabe por quê? Porque depois disso tudo que vivemos hoje eu posso dizer que estou 30% fortalecida. Tá ouvindo?

MENINO - Com quem tá falando?

MENINA - Credo, menino! Por que você chega sempre de repente?

MENINO - Tava falando sozinha?

MENINA - Com o Mike. Claro que eu não tô falando sozinha. Não, não sou louca pra falar sozinha...

MENINO - Pra quem queria entrar na máquina de lavar...

MENINA - Tava falando com você.

MENINO - Olha pra isso aqui.

MENINA - Meu presente?

MENINO - Não, é outra coisa...

MENINA - O que é que encontrou agora? Seja o que for é meu, e não discuto mais sobre isso.

MENINO - Tô falando do nosso apartamento.

MENINA - Ah... e o que é que tem ele?

MENINO - Não parece de verdade.

MENINA - Nada hoje parece muito real.

MENINO - Os móveis, a decoração, parece até uma loja de brinquedos.

MENINA - Quando eu escolhi você concordou, agora não vá dizer...

MENINO - Não tô dizendo nada... só tava olhando pra isso tudo e pensando... Será que nós amadurecemos mesmo pra ser um casal?

MENINA - Que história é essa de amadurecimento, menino? Você é quase um velho de tão maduro.

MENINO - E você?

MENINA - Eu sou 30% louca! 30% mais demente, 30% mais inconsciente.

MENINO - Que coisa é essa de 30%?

MENINA - Descobri que a cifra da moda é 30%, sabe como eu sou ligada nessas coisas da moda...

MENINO - Lá do quarto eu até pensei que tava ouvindo uma voz de homem.

MENINA - E por que não veio conferir?

MENINO - Achei que era o seu pai.

MENINA - E o que o meu pai ia fazer aqui numa hora dessas?

MENINO - Talvez devolver os meus sapatos.

MENINA - Ora menino...

MENINA - Você acha mesmo que eu sou louca?

MENINO - Meu pai queria que eu te processasse, que eu movesse uma ação de perdas e danos.

MENINA - Meus pais é que pagaram a igreja, e decidimos que não faríamos festa... "despede-se na igreja", tava bem grifado no convite... que prejuízo é esse?

MENINO - Danos morais...

MENINA - Seu pai é doente, sua mãe também, não sei como é que você se salvou.

MENINO - Você era a minha salvação.

MENINA - Eu também acho, mas nunca quis dizer pra não parecer pretensiosa.

MENINO - Só que a minha salvação me abandonou.

MENINA - Quem sabe ela também precisasse ser salva... Menino, o que é que vai acontecer com a gente?

MENINO - O que é que você me propõe?

MENINA - Sabe onde eu queria estar agora?

MENINO - Num liquidificador?

MENINA - Numa roda gigante... bem gigante mesmo, de onde a gente pudesse ver o Oceano Atlântico e o Pacífico ao mesmo tempo.

MENINO - Quer ir pro Panamá?

MENINA - Você acha que tudo o que eu falo é bobagem, não é? Sabia que a gente não precisa falar certinho pra ter coerência no que diz? Nem todo mundo é igual...

MENINO - A gente vai ficando com o tempo...

MENINA - Amadurecer não é parecer um xerox do mundo.

MENINO - E o que é?

MENINA - É saber ser mais feliz do que triste.

MENINO - Aonde é que você quer chegar?

MENINA - Eu não quero ser a tua salvação, quero ser a tua alegria...

MENINO - Eu só queria te lembrar que eu não planejei nada disto. Pra mim, hoje estaríamos viajando, "conhecendo o Brasil em quatro rodas", quem sabe até nessa hora, sentados numa praia deserta olhando para as estrelas, depois da nossa primeira noite. Tinha música, tinha fantasia, tudo o que eu acreditava que a minha menina queria... mas ela não apareceu na igreja...

MENINA - Então esse é o fim da nossa história?

MENINO - Da nossa fantasia.

MENINA - De que adianta eu falar se você não quer me ouvir.

MENINO - E você? Tá me ouvindo?

MENINA - Você vai embora... eu sei...

SILÊNCIO.

MENINA - Volte aqui...

MENINO - Não fui pra lugar nenhum.

MENINA - Onde é que você estava? Pra onde foi quando saiu daqui?

MENINO - Você é tão esperta, responde, pra onde é que eu fui parar agora?

MENINA - Ainda está aqui.

MENINO - Errou! Está vendo, nem sempre acerta... como não acertou no modelo do vestido, nem no corte de cabelo... Diz, por que fez aquilo na cabeça?

MENINA - Pra fazer tua mãe desmaiar quando me visse entrar na igreja!

MENINO - Por que nunca diz a verdade, menina?

MENINA - Pra te provocar

MENINO - Agora eu sei por que eu não te bati quando entrei.

MENINA - Você estava chocado.

MENINO - Acho que eu também não queria me casar!

MENINA - Disse que me amava...

MENINO - Você também disse... Toma.

MENINA - Meu presente? Não precisava, não é nem meu aniversário...

MENINO - Não abre ainda... Espere...

MENINA - Não vai me amarrar de novo?

MENINO - Você já ouviu uma música e ela queria dizer tudo o que você pensava ou queria dizer pra alguém... eu tava no carro e tava tocando nossa música, bem quando eu resolvi voltar... Lembra quando a gente ia pra praia, logo que seus pais compraram a casa... a gente pegava o carro e ia pra praia mais deserta que pudéssemos encontrar, você deitava no meu colo e a gente ficava ali esperando o por do sol e era o máximo... Tão simples e o máximo. Até o silêncio era o máximo... Eu vou te dizer uma coisa... eu acreditava mesmo no nosso barquinho azul...

MENINA - Vamos pra praia agora, ver o pôr-do-sol.

MENINO - Numa praia deserta.

MENINA - Só eu e você.

MENINO - Pra sempre.

MENINA - Eu te amo, menino.

MENINO - Eu também sempre te amei, e nunca me envergonhei de dizer que você foi o meu primeiro amor.

MENINA - Eu sei...

MENINO - E se nunca peguei pesado pra que a gente transasse, foi porque eu achei que queria assim, pelo menos foi o que me disse.

MENINA - As meninas mentem muito.

MENINO - Os meninos também.

ELE VAI CHEGANDO CADA VEZ MAIS PERTO. ELA AINDA ESTÁ COM O PRESENTE NA MÃO.

MENINO - Dance comigo!

MENINA - O quê?

MENINO - Eu te amo. Apesar de tudo, eu ainda te amo. Dá pra acreditar? Nem eu consigo.

MENINA - Tá falando sério?

MENINO - Me abrace.

MENINA - Nem acredito... Sabe, menino, descobri que te quero assim, do jeitinho que é... igualzinho. E se eu tentar te mudar, pode acabar virando uma pessoa que eu não sei se vou gostar.

MENINO - Tem mais vinho lá dentro?

MENINA - Claro.

MENINO - Pega lá. Vamos comemorar..

MENINA - Comemorar o quê?

MENINO - A surpresa!

ELA VAI CORRENDO. ELE ABRE A PORTA E SAI. A MENINA VOLTA SEM O VINHO, E COM A ROUPA DO RAPAZ NAS MÃOS.

MENINA - Menino? Menino!

PEGA O PRESENTE, ABRE, É A CAIXA DAS ALIANÇAS. DENTRO, A CHAVE DELE E UM BILHETE.

MENINO - Eu queria tanto ser mais forte que o meu medo. Mas não acredito que eu possa mudar tão de repente como você. É o meu jeito! E não adianta acabar a nossa história com um beijo só pra fazer um final feliz. Não faz sentido. Seria lindo, mas não é. E não é orgulho, nem vingança, é mais forte, dói mais. Eu não sei amar sem segurança. Mesmo quando sei que é errado. Mesmo quando sei que não é e nunca será tão seguro amar. Eu sei que vou chorar, porque eu te amo muito, mas tenho que ir agora. E não tenha certeza de que eu vou voltar. Eu vou embora. Adeus, gata! Seu menino!

MENINA - Por que é mesmo que a gente deixa de ser menina?

FIM



CO-EDIÇÃO

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE  
**funarte**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

REALIZAÇÃO

**SESC**  
RIO DE JANEIRO

  
CENTRO BRASILEIRO DE TEATRO  
PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE  
ASSTEL BRASIL

ISSN: 1808-1541

código: 9771808154004  
4ª edição